

TORTUGA
ALERTA PARA CARENCIA
DE FÓSFORO **HÁ 50 ANOS!**



NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL

NOTICIÁRIO

TORTUGA

EDIÇÃO 450 . ANO 52 . MAR/ABR 2007

**Confinamento dá
bons resultados**

**Reinhold Stephanes,
o novo ministro**

**Novilho precoce
agora tem normas**

ESPECIAL SP/RJ/ES

**EFICIÊNCIA E PRODUÇÃO
INTENSIVA**

EDITORIAL

Trabalho rima com competência

A história da produção animal no País está cheia de exemplos de perseverança e sucesso. Não fosse assim, não seríamos, hoje, essa potência indiscutível, com mais de 20 milhões de toneladas de carnes (bovina, suína e de frangos) por ano, mais de 1 bilhão de dúzias de ovos, 25 bilhões de litros de leite, além da crescente oferta de caprinos e ovinos e da indiscutível capacidade da criação de equínos. Isso, só para falar nas atividades mais importantes.

A Tortuga acompanha de perto esse desenvolvimento. Há mais de meio século, estamos ao lado dos produtores, pelejando, investindo, buscando novidades, desenvolvendo tecnologias... Tudo para cumprir a nossa função de proporcionar os insumos nutricionais e sanitários indispensáveis para a obtenção de melhores resultados produtivos e econômicos.

Nesta edição do Noticiário Tortuga, que traz um caderno especial de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, há muitos exemplos de paciência, trabalho e competência.

Eis aí atributos indispensáveis para quem, assim como nós, vive, é apaixonado pelo setor produtivo e sabe que não há mágica nesse negócio: é preciso suar a camisa, investir pesado e usar as mais modernas tecnologias.

Afinal, estamos aqui, hoje, trabalhando com dupla função: atender a necessidade premente de fornecimento de alimentos de qualidade e preparar o País para que, daqui a 50 anos, nossos netos tenham orgulho do que nós construímos.

Boa leitura.

MAX FABIANI
Presidente da Tortuga



FOTO: MARCIO MINGARONI/REXO

CARTAS & E-MAILS

Confinamento I

Gostaria de congratular a empresa e sua equipe pelo excelente I Simpósio Tortuga de Confinamento. Tenho total certeza que o evento agradou aos participantes, com programação capaz de ajudar os confinadores a realmente melhorar seus negócios. Como mencionei no início de minha participação no evento quero registrar o entusiasmo dos confinadores com a atenção que a Tortuga está dando ao setor. Saber que a maior e mais tradicional empresa de nutrição animal do País está dando tanta importância aos confinamentos de bovinos nos enche de confiança e estímulo para investir ainda mais na atividade.
FABIO DIAS, Diretor Executivo da Associação Nacional dos Confinadores

Confinamento II

Ao ler o Noticiário Tortuga (edição 449, página 10), gostaria de informar que a Fazenda Búfalo, de Otacílio Costa/SC, teve confinamento fechado com excelente resultado, com uso de pouco volumoso (20 kg dia/animal) e pouca ração (0,5% do peso vivo). Dessa forma, obtemos ganho médio diário de 1,3 kg dia desde o início até o final do confinamento, sem contar que a idade média no abate é de 13 meses. É bom salientar que utilizamos sal mineral para Confinamento, da Tortuga.
ALIM PEDRO RIZZI, Fazenda Búfalo (Otacílio Costa, SC)

Especial MS 1

Li uma reportagem muito importante sobre a Frango Ouro (Aparecida do Taboado, MS) e gostaria de solicitar o endereço comercial desta empresa, pois gostaria de entrar em contato.
DIEGO DANTAS COLANGO, zootecnista
Resposta da Redação: Diego, você pode entrar em contato com a Frango Ouro pelo telefone (67) 3322-4050 ou pelo site: www.francoouro.com.br

Especial MS 2

A Fazenda Rancho Ideal, de Chapadão do Sul, pertence à Agropecuária Rancho Ideal (edição 449, página 40). O proprietário do Grupo Paquetá é o sr. Arlindo Rodolfo Weber. A área geográfica correta do Mato Grosso do Sul é de 357.124,962 km² (Noticiário Tortuga 449, pág. 23) e a da capital do estado, Campo Grande, é de 8.096 km² (segundo dados do IBGE). Agradecemos ao engenheiro José Salgueiro pela correção.

Especial MS 3

Meus cumprimentos pela qualidade do material técnico divulgado no Noticiário Tortuga 449. Entretanto, lendo a reportagem "Tradição gaúcha no Centro-Oeste" (pg. 41), acredito que houve equívoco, tendo em vista que a raça ovina Suffolk é especializada em carne, sendo a lã um subproduto, não sendo então classificada como dupla-aptidão. Outra dúvida na reportagem é sobre a afirmação de que "a taxa de prenhez é considerada muito boa graças à média de partos: três por ano com 20% de partos duplos". Acredito que sejam 3 partos em 2 anos.
GUILHERME C. COUTINHO, Médico veterinário, Epagri (Lages, SC)

Cumprimentos

Parabenizo a Tortuga pela demonstração de carinho e atenção com os usuários dos seus produtos e os leitores do Noticiário Tortuga, de alta qualidade tanto no visual quanto nas matérias expostas. Fico feliz em ter como parceiro nas minhas atividades uma empresa como a Tortuga. As informações técnicas obtidas nos exemplares têm ajudado muito a alimentação do rebanho e também a área zootécnica da fazenda.
JOEL CORREA PEREIRA, Belo Horizonte (MG)

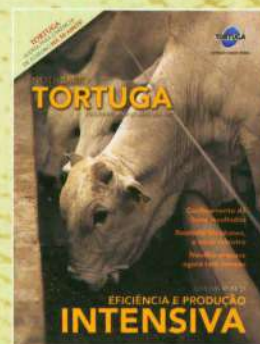
MERCADO

	Abril 2006	Abril 2007
Boi Gordo (@)	R\$ 49,97	R\$ 56,01
Suíno (@)	R\$ 29,00	R\$ 35,00
Frango Vivo (kg)	R\$ 1,05	R\$ 1,45
Ovos Bco Ext. (30 dz)	R\$ 25,70	R\$ 40,70
Leite B (litro)	R\$ 0,55	R\$ 0,60
Leite C (litro)	R\$ 0,47	R\$ 0,54
Milho (saca)	R\$ 13,50	R\$ 16,00
Soja (saca)	R\$ 23,80	R\$ 27,50

fonte: Canal Tortuga

Preços ao produtor Base São Paulo

1US\$ = R\$ 2,03

EDIÇÃO 450
MAR/ABR 2007

Boi Gordo (dólores por arroba)

	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
JAN	23,03	24,11	20,13	23,28	20,98	18,94	16,28	21,01	21,93	22,02	25,07
FEV	23,84	23,95	16,95	22,53	20,00	19,17	16,15	19,74	22,77	23,72	26,06
MAR	24,60	24,25	17,15	22,10	19,15	18,75	16,53	20,30	21,85	23,83	27,49
ABR	24,52	24,10	18,59	21,62	19,40	18,53	18,11	20,65	22,09	23,94	27,48
MAI	24,41	23,08	18,12	20,48	17,85	16,93	18,20	19,71	22,84	22,58	
JUN	24,20	23,38	17,28	21,56	17,47	15,84	18,72	19,81	22,82	21,33	
JUL	24,99	23,68	18,60	21,96	17,00	14,63	19,44	20,10	22,78	24,60	
AGO	24,37	23,90	17,53	23,21	17,43	16,07	19,65	21,17	22,45	26,92	
SET	24,23	25,40	18,70	21,20	16,09	15,26	20,52	20,76	22,72	28,55	
OUT	25,45	23,56	20,31	23,16	17,51	14,71	20,96	21,00	25,27	26,85	
NOV	24,38	24,30	21,76	21,56	18,08	16,49	20,94	22,66	25,79	24,83	
DEZ	25,13	23,64	22,59	20,88	19,04	16,25	22,05	22,05	22,80	24,66	

NESTA EDIÇÃO

10 O CAMPO EM ALERTA

14 EM DIA COM OS IMPOSTOS
NO CAMPO20 FOSBOVI REPRODUÇÃO
OBTÉM RESULTADOS
EXCELENTES NO PARÁ21 O MELHOR FOSFATO
PARA O GADO29 ESPECIAL SÃO PAULO,
RIO DE JANEIRO E
ESPIRITO SANTO

02 Editorial

02 Cartas & E-mails

03 Mercado

04 Entrevista

07 Panorama

12 Foco

16 Qualidade

21 Tecnologia

26 Inovação



NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL

TORTUGA CIA. ZOOTÉCNICA AGRÁRIA
AV. BRIG. FARIA LIMA, 2.066 - 13º ANDAR
SÃO PAULO - SP CEP 01452-905
TELEFONE: (11) 2117-7700 FAX: (11) 3816-6122
E-MAIL: NOTICIARIO@TORTUGA.COM.BR
SAC 0800 011 6262
www.noticiariotortuga.com.br

NOTICIÁRIO

TORTUGA

Noticiário Tortuga é o veículo de comunicação oficial da Tortuga Cia. Zootécnica Agrária, publicado desde 1954.

COORDENAÇÃO TÉCNICA
Paulo Cezar de Macedo Martins (CRMV-MG 1431)

PRODUÇÃO EDITORIAL
Texto Assessoria de Comunicações
JORNALISTA RESPONSÁVEL
Altair Albuquerque (MTb 17.291)

EDITOR
Marcio Mingardo
REDAÇÃO
Marcelo Oliveira
Fátima Costa
FOTOS

Texto Assessoria de Comunicações,
Arquivo Tortuga
PROJETO GRÁFICO
IDE2 identidade . design . estratégia
EDIÇÃO ON-LINE
Paulo Henrique B. de Oliveira
TIRAGEM: 100 MIL EXEMPLARES

Fale com a Redação:
E-MAIL: IMPRENSA@TEXTOASSESSORIA.COM.BR
TELEFONE: (11) 3037-7288

ENTREVISTA

Sangue novo à frente do AGRONEGÓCIO, EM SÃO PAULO

Aos 41 anos de idade, João de Almeida Sampaio Filho é o novo secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Em seus planos, a defesa agropecuária e o apoio ao desenvolvimento rural.



SAMPAIO: DIVERSIDADE É POSITIVA PARA SÃO PAULO

FOTO: SAA

Economista, produtor rural de borracha, cana-de-açúcar e pecuária de corte, João de Almeida Sampaio Filho assumiu no início de 2007 o comando da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.

Natural de São Paulo, 41 anos, João Sampaio é filho, neto e bisneto de famílias tradicionais do setor rural. Pelo lado paterno, as famílias Almeida Prado e Sampaio se dedicavam inicialmente à cafeicultura e, posteriormente, à pecuária e à cana-de-açúcar. Pelo lado materno, as famílias Rodrigues da Cunha e Junqueira Franco são de origem mineira e atuam com pecuária e cana-de-açúcar.

Em sua trajetória classista, João Sampaio comandou a Sociedade Rural Brasileira, entre 2002 e 2006, e já presidiu a Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da

Borracha Natural, vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Como empresário rural, antes de assumir a Agricultura paulista, ele dirigia a usina de beneficiamento de borracha Interlatex, em Barretos (SP).

João Sampaio respondeu com exclusividade às questões formuladas pelo Noticiário Tortuga, ligadas ao agronegócio paulista e, particularmente, às atividades de produção animal.

Noticiário Tortuga – Café, laranja, cana-de-açúcar, avicultura, leite... O agronegócio paulista tem características muito próprias, reunindo uma gama de atividades agrícolas e de produção animal. Isso é positivo ou o estado precisa identificar melhor suas vocações agropecuárias?

João de Almeida Sampaio Filho – Isto é extremamente positivo. A agropecuária paulista tem como marca a sua diversificação e é isso que nos faz a maior plataforma agrícola do País, responsável por 17% do valor bruto da produção agropecuária brasileira. As vocações agrícolas regionais devem ser a aposta de toda a cadeia produtiva, assim como pensar políticas públicas globais de certificação, rastreabilidade e sanidade e agir localmente para que estas ações sejam implementadas.

Noticiário Tortuga – De que maneira o avanço da cana está mudando o perfil agropecuário do Estado de São Paulo. E, afinal, trata-se de uma situação positiva ou terá problemas para o estado?

João Sampaio – A expansão das áreas de cana numa margem de 10 a 12% ao ano pode ser preocupante em algumas regiões, principalmente naquelas com vocações agrícolas diferentes, tradicionais produtoras de grãos, de frutas ou de

pecuária tecnificada. É claro que o produtor deve apostar naquela cultura que lhe dá maior rentabilidade. No entanto, nunca é bom apostar somente em uma atividade; a diversidade no final lhe trará mais segurança e rentabilidade. A cana-de-açúcar vive o seu melhor momento e o produtor deve tirar proveito disso, mas a diversidade pode agregar ainda mais na sua renda. A boa gestão da sua propriedade é o grande segredo do sucesso do empreendedor paulista.

Noticiário Tortuga – Especificamente em relação às atividades de produção animal, São Paulo responde por mais de 40% da oferta de ovos. Quais as medidas principais programadas pelo governo do estado para a avicultura de postura, considerando que os preços ao produtor não decolam, assim como o consumo interno?

João Sampaio – A atividade vive um bom momento e São Paulo possui avicultura de postura e também de corte com uso de alta tecnologia. Este é o segredo. As nossas granjas são todas georeferenciadas e com risco sanitário mínimo. Somos área livre de newcastle, monitoramos para influenza aviária e tivemos um surto de laringotraqueíte das aves em Bastos há 3 anos, que foi totalmente controlado e extirpado, num trabalho magnífico entre a defesa agropecuária paulista e o setor produtivo.

Noticiário Tortuga – A produção de frangos de corte em São Paulo também tem boa importância econômica, com destaque aos criadores independentes. Como é possível ajudá-los a se precaver melhor contra as principais ameaças que recaem sobre essa atividade, como gripe aviária e até oscilação de preços?

João Sampaio – Como disse ante-

riormente, a Secretaria, por meio da sua Coordenadoria de Defesa Agropecuária, trabalha na linha da sanidade e estamos desenvolvendo o Projeto São Paulo Risco Sanitário Zero, com a criação e a reestruturação de barreiras de fiscalização e inspeção em nossas divisas, com serviços on-line de emissão de guias, autorizações e fiscalizações. Será o nosso grande passo, saindo na frente quanto à questão da sanidade.

GOVERNO PAULISTA CRIOU O PROGRAMA DE QUALIDADE DO PRODUTO

Noticiário Tortuga – Apesar de ter suinocultura forte e bem estruturada, São Paulo participa pouco das exportações de carne suína, que têm excelente potencial de crescimento e, conseqüentemente, fornecimento de renda aos produtores. Há planos do governo do estado de fortalecimento da atividade, dando condições aos criadores de produzir mais e melhor?

João Sampaio – Na suinocultura, São Paulo é um grande consumidor e a produção, um pouco menor. As nossas exportações continuam embargadas, porque 60% delas são para a Rússia. Então, a situação continua complicada, mas caminhamos para a suinocultura tecnificada. No último mês de março, lançamos o Selo Suíno Paulista para a segunda granja no Estado de São Paulo – Granja Campo Alegre, de Brotas. A primeira foi

em Itu. Este selo faz parte do Programa de Qualidade do Produto de São Paulo, que cria normas e regras para o processo de produção, certificando os alimentos. São certificadoras renomadas, como a Fundação Paulo Vanzolini e a SGS, que fiscalizam e dão o selo. Este é o processo. Além disso, a Câmara Setorial da Carne Suína trabalha em conjunto com a Secretaria e a APAS (Associação Paulista dos Supermercados) para aumento do consumo da carne suína.

Noticiário Tortuga – O leite tem vivido anos difíceis. Considerando o preço elevado da terra, muitos projetos saíram de São Paulo em direção ao Centro-Oeste. Mas o estado ainda é um dos maiores produtores. De que maneira o governo paulista apóia essa atividade, criando condições para fomentar o aumento da produção e da própria qualidade genética dos animais?

João Sampaio – A Secretaria tem várias ações nesta direção. Primeiro, focadas no pequeno produtor de leite: são linhas de financia-

►

mento enquadradas no FEAP (Fundo de Expansão do Agronegócio Paulista), crédito com juros de 4% ao ano para a qualidade do leite, aquisição de matrizes e tanques de resfriamento. Temos a Câmara Setorial do Leite, que fez a tomografia do setor e agora está na segunda fase da criação e discussão de políticas públicas e ações para a melhoria da qualidade do leite e da renda do produtor. Temos um projeto fantástico em conjunto com a Embrapa, desenvolvido pelos extensionistas da Secretaria, de aumento de produtividade para pequenos produtores com pastejo rotacionado, melhoria no plantel e gestão da propriedade, com aumento de produção da ordem de 200% entre os pequenos. Essa iniciativa está presente em mais de 500 propriedades em todo o Estado de São Paulo.

Noticiário Tortuga – A pecuária de corte de São Paulo está em transformação. Há poucas fazendas extensivas e avançam o confinamento e o semiconfinamento. É o melhor aproveitamento da área. Mas também aumentam as exigências de resultados para compensar os custos mais elevados. Como o governo paulista vê a atividade e trabalha, tendo em vista essa nova realidade?

João Sampaio – Este é o caminho da pecuária de corte paulista – intensiva, confinamento e semiconfinamento. São Paulo tem diversidade de atividades. E, para competir com a criação de pequenos animais, que deve crescer no estado, já que utiliza propriedades menores, a pecuária bovina terá de seguir o mesmo caminho, aproveitando melhor as áreas, usando a cana e os grãos aqui produzidos como alimentação animal. Acabamos de lançar uma nova variedade de sorgo, com dupla aptidão, que serve tanto como grão para

alimentação como também forrageiro. Este é um exemplo dos avanços tecnológicos à disposição do pecuarista. Temos o Instituto de Zootecnia, com 100 anos dedicados à pesquisa e responsável pelos principais projetos de desenvolvimento de ganho de peso, melhoramento de carcaça e estudo de novas forrageiras para a alimentação bovina.

A PECUÁRIA PAULISTA É INTENSIVA E INVESTE EM CONFINAMENTO

Noticiário Tortuga – Ainda em relação à produção de carne bovina, até 2004 São Paulo era o maior exportador do País. Por conta da febre aftosa em estados vizinhos, São Paulo não pode vender à União Européia e outros países. Como o governo paulista encara essa 'punição'?

João Sampaio – São Paulo não registra aftosa há mais de dez anos. Fizemos um trabalho grande quando da crise da doença para impedir a sua entrada, mesmo assim continuamos embargados por grandes compradores. É preciso olhar tudo isso, não somente com olhos técnicos, e sim comerciais. Os interesses são grandes e o nosso estado terá de fazer um grande trabalho junto às autoridades sanitárias internacionais (OIE) e também junto à Comunidade Européia, visando

reverter este quadro. Tecnicamente, não existe razão para o embargo.

Noticiário Tortuga – Febre aftosa e gripe aviária estão tirando o sono dos produtores paulistas e brasileiros. No âmbito governamental está sendo feito tudo que é possível para proteger os rebanhos e plantéis em termos sanitários?

João Sampaio – Com absoluta certeza, o governo do Estado de São Paulo faz defesa sanitária e o faz sozinho. Os recursos federais, como é notório, são escassos, então é o trabalho incessante e o planejamento da nossa Coordenadoria de Defesa Agropecuária que têm trazido estes bons resultados e mantido o nosso estado livre de doenças. Agora, as nossas fronteiras no Cone Sul precisam ser melhor trabalhadas, num esforço conjunto de várias áreas do governo federal, que inclui segurança pública, agricultura e aspectos fiscais. Não dá para continuarmos fingindo que fazemos defesa agropecuária. O Brasil é o grande *player* internacional no fornecimento de proteína animal e, se não encarmos defesa sanitária como investimento, ficaremos para trás e expostos às barreiras comerciais dos países compradores. **NT**

Tortuga leva informação de QUALIDADE AOS CONFINADORES

I Simpósio Tortuga de Confinamento teve etapas em Araçatuba (SP) e Goiânia (GO), além de visita de pecuaristas do Mato Grosso do Sul à fábrica da empresa, em Mairinque (SP).

“Em tempos de remuneração apertada, o pecuarista precisa de alternativas de maior ganho econômico para obter lucro na atividade. O investimento em nutrição de qualidade é uma das opções mais vantajosas para o produtor, pois comprovadamente impulsiona o ganho de peso dos animais, que ficam prontos para o abate mais cedo. Assim, o custo é menor e a receita, superior”.

A receita da Tortuga é apresentada por Marcos Sampaio Baruselli, coordenador de confinamentos da Tortuga. “O custo atual de uma arroba de boi gordo em regime de confinamento está em R\$ 48,00. O mercado futuro trabalha, hoje, com R\$ 61,00/arroba para outubro. Trata-se de um ganho de R\$ 13,00 por arroba, considerando o preço de hoje do gado”, informa Ivan Wedekin, diretor de

agronegócios da Bolsa Mercantil & Futuros (BM&F), palestrante do I Simpósio Tortuga de Confinamento, com etapas em Araçatuba (SP) e Goiânia (GO), além de visita de confinadores do Mato Grosso do Sul à fábrica de suplementos minerais da Tortuga, em Mairinque (SP).

No total, o evento, que reuniu mais de 250 confinadores, pecuaristas em geral e técnicos especializados, objetivou exatamente apresentar novas opções de atuação na produção de gado para o abate. “O confinamento surge como uma importante ferramenta e é responsável por cerca de 30% dos bovinos inspecionados em um período muito curto de tempo (em média 90 dias, durante o 2º semestre do ano), exatamente quando os pastos estão prejudicados e a criação extensiva enfrenta problemas para termi-

nação do gado”, explica Fabio Dias, diretor-executivo da Associação Nacional dos Confinadores (Assocon).

Fábio Dias também concorda com a afirmação de Marcos Baruselli, da Tortuga, de que a alimentação de qualidade é determinante para obter produtividade na pecuária intensiva e profissional. Dados apresentados pelo diretor da Assocon indicam que a alimentação é responsável por 29% do custo do gado em regime de confinamento, considerando todos os itens da planilha, inclusive o valor de aquisição do animal a ser confinado. “Isso significa que não se pode brincar com a nutrição animal. É preciso colocar no cocho nutrientes que proporcionem comprovado ganho de peso e conversão alimentar”, ressalta o professor Mario Arrigoni, da Unesp – campus de Botucatu (SP).

Qualidade de carne – A alimentação de qualidade é fundamental na pecuária intensiva também para a produção de carne de qualidade. “Os frigoríficos não buscam apenas animais pesados; é preciso ser jovens, ter rendimento de carcaça, boa espessura de gordura e carne macia”, explica o zootecnista Daniel Furquim, responsável técnico pelo programa de qualidade de carne do Frigorífico Bertin.

Animais bem alimentados, jovens e mais pesados e com carne de padrão superior. Essa combinação também proporciona melhor remuneração aos pecuaristas. O Bertin bonifica em até 6% a arroba do boi gordo dependendo da qualidade da carcaça e da carne. “A pecuária brasileira ainda tem muito o que

PÚBLICO INTERESSADO: PECUÁRIA INTENSIVA É OPÇÃO COM RENTABILIDADE



evoluir em termos de peso de carcaça e qualidade de carne. E os frigoríficos já perceberam que têm de pagar mais por essa diferenciação. Está aí uma parceria de ganha-ganha”, assinala Furquim.

Foco no confinamento – As perspectivas de ganhos para o pecuarista que optar pelo confinamento em 2007, as últimas tecnologias em nutrição de bovinos confinados – capazes de reduzir o custo da diária dos animais – e as exigências dos frigoríficos em relação à terminação de animais confinados, além das perspectivas para a pecuária e o agronegócio como um todo, levaram mais de 250 confinadores, pecuaristas e técnicos ao I Simpósio Tortuga de Confinamento, além de visita à fábrica da Tortuga, em Mairinque (SP).

“Realizamos um evento de muita qualidade, com conteúdo técnico e de mercado que certamente colabora para o pecuarista obter êxito no confinamento. O tema é especialmente pertinente em um ano em que o confinamento passou a ser visto como opção econômica importante, por proporcionar ao produtor melhor giro de capital, alta liquidez e certas vantagens na comercialização de bovinos”, afirma Max Fabiani, presidente da Tortuga. **NT**

BARUSELLI: CONFINAMENTO
APRESENTA GANHOS ECONÔMICOS
INDISCUTÍVEIS



FOTO: TEXTO

PANORAMA

Avicultura de postura discute crescimento do consumo de ovos

Brasil é o oitavo maior produtor de ovos, com 26 bilhões de unidades/ano, mas a demanda por habitante (141 ovos/habitante) é menor que a recomendada pela FAO há muito tempo.

No lugar de carne, ovos. É com uma intensa campanha de marketing, reforçando as vantagens nutricionais que o ovo pode oferecer ao consumidor, que os avicultores querem aumentar a demanda no País, estabilizada em 141 unidades/habitante/ano.

De acordo com os especialistas e produtores presentes ao Congresso Brasileiro de Produção de Ovos, realizado em março, em Indaiatuba (SP), o negócio é promissor. Porém, o segmento de postura convive há anos com margens de lucros extremamente baixas e as soluções óbvias implicam investimentos, o que nem sempre é fácil de levantar.

Mas está claro – esse é o consenso entre os participantes do evento – que algo precisa ser feito. Pelo menos para o consumo no Brasil aproximar-se da média recomendada pela FAO – algo em torno de 168 ovos por pessoa ao ano.

A demanda por habitante contrasta com os números de produção: são cerca de 26 bilhões de unidades, de acordo com os dados da União Brasileira de Avicultura (UBA), o que posiciona o País como o oitavo maior produtor mundial. Ocorre que o consumo não avança. O

atual patamar é histórico, lembrando que a exportação de ovos em pó é irregular.

“Temos de olhar é para o mercado interno”, ressalta Rogério Belzer, diretor da área de Ovos da UBA. “Falta estimular os consumidores, batendo na tecla da alimentação mais saudável e natural. Com isso, podemos trazer o ovo de volta à mesa do brasileiro, o que desencadearia efeitos positivos para toda a cadeia produtiva. Temos o exemplo da avicultura de corte, que em 30 anos conquistou o seu espaço”.

Ações práticas – Uma das ações propostas pelo segmento de postura é fazer uma campanha para melhorar a imagem dos ovos perante a população, esclarecendo os benefícios que propiciam à saúde humana. De acordo com a Associação Paulista de Avicultura (APA), há ao menos uma dúzia de boas razões pelas quais

PRODUÇÃO ELEVADA E
CONSUMO RETRAÍDO



as pessoas devem comer ovos; entre elas: os ovos são versáteis, são excelentes fontes de proteína e nutrientes importantes ao organismo, têm ácidos graxos essenciais, são deliciosos, satisfazem, são simples de fazer, representam uma ótima refeição e, o melhor, estudos comprovam a eficácia do ovo na alimentação das pessoas.

O diretor da APA, José Roberto Bottura, defende que a promoção dos ovos ajuda a eliminar "mitos" sobre o produto. Bottura vai além, explicando que é necessário discutir também novas tecnologias, aumentando a já boa produtividade da atividade.

Enquanto essa discussão ganha corpo, o mercado pratica preços baixos e as margens ao produtor estão apertadas. José Carlos Teixeira, diretor executivo da APA, informa que em 2006 houve aumento do alojamento de matrizes e poedeiras, o que fez saltar em 5,6% a produção. "Com isso, os preços caíram 17% em comparação a 2005", diz. No primeiro trimestre de 2007, oferta e demanda mantiveram-se equilibradas. "A comercialização tende a melhorar nos próximos meses, devido à queda na produção. Porém, é preciso colocar em prática ações consistentes, para o setor obter fôlego para crescer", entende Teixeira. **NT**



Vem aí a maior VACINAÇÃO CONTRA AFTOSA da história

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento espera demanda de 395 milhões de doses em 2007. Indústria veterinária produz 500 milhões de doses/ano, mantendo estoque de segurança superior a 100 milhões de doses.

Pecuaristas de todo o País têm nas mãos uma grande responsabilidade: garantir o sucesso da maior campanha de vacinação contra febre aftosa já realizada no mundo. Em 2007, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) espera utilizar 395 milhões de doses de vacina de Norte a Sul, com cobertura superior a 95% do rebanho. Está aí a maior meta estipulada desde o início da campanha oficial, em meados da década de 90.

Como nos anos anteriores, a campanha 2007 concentrará a vacinação nos meses de maio e novembro. Nestes meses, são vacinados os rebanhos do Distrito Federal, Mato Grosso, Minas Gerais, Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraná, Piauí, Rondônia, São Paulo, Sergipe e Tocantins. Os demais estados vacinam ao longo do ano.

Para dar conta desta tarefa, a indústria veterinária disponibilizará cerca de 500 milhões de doses de vacina contra a doença em 2007. O volume é superior à meta do MAPA porque a produção será utilizada também para manutenção dos estoques oficiais de segurança, exigidos pelo governo em caso de emergência sanitária (hoje cerca de 128 milhões de doses) e uma pequena parcela, para as exportações.

"Estes números indicam que a indústria veterinária atenderá com folga à demanda de vacinas contra febre aftosa do mercado brasileiro. A indústria faz o seu papel e temos vacinas para utilizar até mesmo em eventual foco, com condições de vacinar um estado inteiro, se assim decidir o governo brasileiro", ressalta Mário Eduardo Pulga, vice-presidente para Assuntos de Febre Aftosa do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (Sindan).

Avanços consistentes – Apesar dos prejuízos gerados pelos focos de aftosa de 2005 e início de 2006, que trouxeram prejuízos de cerca de US\$ 350 milhões às exportações brasileiras de carne bovina (dados da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne Bovina), o Brasil registra importantes avanços no combate à doença. Nos últimos 10 anos, a comercialização de vacinas, indicativo da preocupação do pecuarista com a imunização, dobrou. Só no ano passado foram consumidas mais de 369,6 milhões de doses.

Para acompanhar essa evolução, a indústria veterinária investiu pesado no aumento da capacidade de produção. Entre 2003 e 2005, foram mais de R\$ 50 milhões (dados do Sindan). "Hoje, o Brasil detém o maior e mais moderno parque industrial veterinário do mundo, capaz de atender às demandas sanitárias de outras regiões do globo, se assim for necessário", ressalta o presidente da entidade, Emílio Carlos Salani. **NT**



INDÚSTRIA PRODUZ
500 MILHÕES DE DOSES/ANO

FOTO: TEXTO

O campo EM ALERTA

Entidades de classe e produtores rurais discutem, com preocupação, aumento das invasões em propriedades, inclusive produtivas.

O clima de insegurança generalizada, que parece ter tomado conta das principais cidades brasileiras e deixa o cidadão de bem à mercê da marginalidade, nos últimos tempos, parece ter ganho representação à altura, também no meio rural. A aura de instabilidade jurídica que ronda as propriedades rurais coloca os cerca de 5 milhões de proprietários de terras em alerta, a respeito de um direito que lhes é garantido pela Constituição Federal - a preservação da posse da propriedade privada.

A questão central que envolve essa discussão está ligada à ação de grupos formados na própria sociedade e que agem com a bandeira de movimentos sociais de luta pela terra, tendo seus maiores expoentes na atualidade o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e grupos de esquerda da Igreja Católica (Comissão Pastoral da Terra).

Dados da Ouvidoria Agrária Nacional, órgão vinculado ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), mostram que o número de invasões em propriedades rurais cresceu 17%, em 2006. No último relatório divulgado no final do ano passado, foram registradas 259 invasões de propriedades rurais, entre janeiro e novembro, contra 221 invasões, em 2005. Entre os principais invasores estão o MST, responsável por 90 ocupações;

o MLST (Movimento de Libertação dos Sem Terra) – protagonista do quebra-quebra na Câmara dos Deputados, em junho 2006, com 17 invasões; Fetraf (Federação dos Agricultores da Agricultura Familiar), com 10 invasões; e a CPT (Comissão Pastoral da Terra), com quatro invasões.

Em encontro promovido pela Sociedade Rural Brasileira, em março, lideranças do agronegócio e de setores ligados ao Poder Judiciário e a Polícia Militar discutiram a insegurança jurídica que atinge em cheio o campo brasileiro e os caminhos para equacionar este problema de difícil solução.

Arthur Pinto Filho, representante do Ministério Público Federal, chama a atenção para os excluídos sociais. “É imensa a quantidade de gente que vive abaixo da linha da pobreza, sem a menor condição de ser re-socializada e que, por isso, engrossa as fileiras desses movimentos sociais como um último fio de esperança para conquistar uma vida com o mínimo de dignidade”, ressalta Pinto Filho.

O jurista Hélio Bicudo, ex-prefeito de São Paulo e homem público de larga experiência na luta contra as desigualdades sociais, segue a mesma linha de raciocínio. Para Bicudo, a realidade brasileira não pode ser vista sob um único prisma. “É preciso considerar o todo para não se fazer uma leitura equivocada da realidade social”, diz.

Na contramão dessa argumentação está o representante do Poder Judiciário, o jurista Célio Almado, para quem hoje existe ‘uma indústria da reforma agrária’, infelizmente patrocinada pela esquerda católica, que promove a destruição da propriedade privada. “O sistema de

reforma agrária no Brasil é falho e só atende ao interesse de alguns grupos”, exclama o juiz, que aponta paradoxo entre os dizeres da Constituição Federal e as políticas públicas do governo federal, que não caminham na mesma direção das reais necessidades do agronegócio, setor responsável por mais de 1/3 do PIB (Produto Interno Bruto) nacional.

Índices de produtividade rural – Outra questão que causa enorme preocupação nos bastidores do agronegócio brasileiro é a aprovação do Projeto de Lei que altera os índices de produtividades rurais. O projeto do ex-Deputado Federal Xico Graziano, atual secretário do Meio Ambiente de São Paulo, surge como alternativa ao propor alteração na Lei 8.629, de fevereiro de 1993, que dispõe sobre dispositivos constitucionais referentes às Políticas Agrícola e Fundiária e a Reforma Agrária.

A proposta de Graziano combate o indicador atual, que mede os índices da propriedade agrícola segundo seu grau de eficiência na exploração, o antigo GEE, mesmo que de forma regionalizada, defendendo paradigmas mais modernos para medir o grau de excelência da produção e seus impactos socioeconômicos e ambientais. O projeto pede, ainda, que seja estipulado um prazo de três anos para propriedades que desenvolvam atividades de criação ou de agricultura anual e de cinco anos para aquelas que mantenham cultivos perenes, para que o órgão público federal competente realize os investimentos para emancipação dos assentamentos antes de readquiri-las para fins de reforma agrária.

Para o advogado Ricardo Salles, responsável pelo departamento jurídico da Sociedade Rural Brasileira (SRB), a alteração nos índices de produtividade das propriedades rurais é hoje uma grande preocupação entre os representantes do agronegócio brasileiro. Isso porque “os critérios utilizados são irrealistas e não correspondem a números razoáveis e factíveis pelo produtor rural”, diz Salles. **NT**

DOIS LADOS E A MESMA PREOCUPAÇÃO: RESOLVER UM PROBLEMA SÉRIO



FOTO: MARCIO MINGUARDI/TEXTO

PecNordeste reunirá 35 mil visitantes no Ceará

Evento é voltado para atividades profissionais e agricultura familiar, com extensa programação técnica e discussões sobre mercado.

Vem aí o XI Seminário Nordestino de Pecuária (PecNordeste 2007), programado para 25 a 28 de junho, no Centro de Convenções do Ceará, em Fortaleza. O tema do evento este ano é "Repensando o Agronegócio da Pecuária – Novos Caminhos.

O PecNordeste, que também inclui a XI Feira de Produtos e de Serviços Agropecuários e a I Feira de Couro & Calçados Nordeste, é iniciativa da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Ceará (FAEC), Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) e Serviço de Apoio às Pequenas e Micro Empresas (Sebrae-CE).

A expectativa é reunir 250 expositores da cadeia produtiva da produção animal, com 35 mil visitantes, sendo mais de 10% de outros estados. "Esperamos movimen-

tar R\$ 26 milhões", explica o coordenador-geral do evento, Antonio Bezerra Peixoto, que fala das novidades do PecNordeste 2007. "O compromisso com a excelência exigiu a busca de um formato que amplie ainda mais os espaços para as discussões e recomendações de políticas públicas que atendam aos interesses do agronegócio da pecuária", diz.

Assim, além do espaço destinado a técnicos, empresários e produtores, haverá programação específica para agricultores familiares, com discussão de seis grandes temas: estrutura fundiária e desenvolvimento rural, caminhos para a agricultura familiar, meio ambiente-bio-energia e aquecimento global, realidade e caminhos da pesquisa agropecuária, mulher empreendedora rural e políticas públicas para sanidade animal.

O PecNordeste envolve apicultura, aquíicultura e pesca, avicultura, bovinocultura (corte e leite), caprinovinocultura, eqüinocultura, estruturicultura, suinocultura e turismo no espaço rural e natural, que terão seminários, mesas-redondas, painéis, workshops, palestras, cursos, visitas de campo, oficinas de produção e capacitação e exposições de produtos e serviço.

MAIS INFORMAÇÕES
PELO TELEFONE
(85) 3535-8009 OU
WWW.PECNORDESTE.
COM.BR

Nova unidade de vendas, em Fortaleza

A Tortuga acaba de inaugurar sua unidade de vendas em Fortaleza (CE). Com isso, a empresa dá mais um passo para atender melhor e oferecer mais serviços aos pecuaristas de gado de corte, produtores de leite, ovinocultores, caprinocultores, criadores de cavalos, suinocultores, avicultores e demais criadores da região. As atividades da unidade abrangem Ceará, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Rio Grande do Norte, Piauí, Paraíba e Maranhão. "Com a unidade de Fortaleza, a Tortuga aproxima-se ainda mais do importante mercado nordestino, cujo potencial de crescimento é bastante expressivo. Estando mais próximos dos nossos clientes, podemos entender melhor suas necessidades e, assim, oferecer melhores produtos e serviços", ressalta Max Fabiani, presidente da Tortuga.

A instalação da unidade de vendas da Tortuga, em Fortaleza, faz parte do plano de expansão da empresa, que inclui uma nova fábrica de suplementos minerais para animais no município de São Gonçalo do Amarante, nas proximidades do Porto de Pecém. Em sua primeira fase, a indústria deverá produzir 10 mil toneladas mensais, com a geração de 190 empregos diretos e 500 indiretos. O objetivo é atender diretamente as regiões Nordeste, Norte e parte do Centro-Oeste e também o mercado externo – principalmente a América Latina. Os investimentos atingem R\$ 50 milhões.

A UNIDADE DE VENDAS
FORTALEZA ESTÁ INSTALADA
À AV. SANTOS DUMONT, 1.789
- 18º ANDAR, SALA 1810 -
ALDEOTA (FORTALEZA, CE).
O TELEFONE É (85) 3261-8060.



**PEC
NORDESTE
2007**

FOCO

Reinhold Stephanes, **O NOVO MINISTRO DA AGRICULTURA**

A defesa agropecuária é uma das prioridades do novo titular do MAPA. O combate às doenças, a reabertura dos mercados à carne brasileira e a valorização do produtor rural estão entre suas prioridades.

O economista Reinhold Stephanes, 68 anos, é o novo ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Filho de agricultores, nascido numa pequena comunidade rural de Porto União (SC), na divisa com União da Vitória (PR), Stephanes já trabalhou no MAPA, na década de 70, quando ocupou o cargo de diretor do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). “Nasci na roça”, ressalta. “Além disso, minha primeira experiência no setor público foi na área agrícola”, acrescenta. ▶



Em seu currículo, também constam os postos de Secretário de Agricultura do Paraná (1979-1981), Ministro de Estado da Previdência Social (1992-1995) e Ministro de Estado da Previdência e Assistência Social (1995-1998).

Casado, pai de quatro filhos, Stephanes já ocupou outros cargos públicos. Do final da década de 1970 até 2007, ele foi deputado federal em seis legislaturas. Também foi Secretário Municipal de Fazenda de Curitiba (1966 a 1967) e presidente do então Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), de 1970 a 1973. O novo ministro ingressou no serviço público por intermédio de concurso público para o governo do Estado do Paraná. Stephanes também desempenhou outras atividades. Ele foi professor da Universidade Católica do Paraná e presidente da Sociedade Brasileira de Economistas Rurais (1981 a 1983).

Conheça a seguir algumas propostas do ministro Reinhold Stephanes à frente do MAPA, em entrevista colhida pela Confederação Nacional da Agricultura:

Quais serão as prioridades da sua gestão?

Reinhold Stephanes – É preciso partir do raciocínio de que tivemos bons ministros e o Ministério da Agricultura, Pe-

cuária e Abastecimento está estruturado, com planejamento estratégico de longo prazo. Em primeiro lugar, minha função é tentar dar continuidade ao que vem sendo feito e, eventualmente, corrigir alguns rumos e adaptar de acordo com o momento. É claro que sabemos das dificuldades mais agudas que existem hoje, como o problema da defesa sanitária animal, que é sério e vem sendo enfrentado. Mas precisamos reforçar a ação nessa área. Também temos outras questões muito sensíveis, como a discussão sobre os transgênicos, a questão da agricultura e meio ambiente, o mercado externo, com alguns embargos que causam grande preocupação. Algumas questões aparentemente são conflitantes, embora cada lado tenha sua devida importância. Cabe aí a capacidade de harmonizar, inclusive, eventuais interesses que possam ser conflitantes. De forma geral, pela minha própria característica como profissional, pretendo ter uma atitude extremamente técnica, aliando isso à capacidade de articulação, de entendimento.

O que o setor rural pode esperar em termos práticos para este ano?

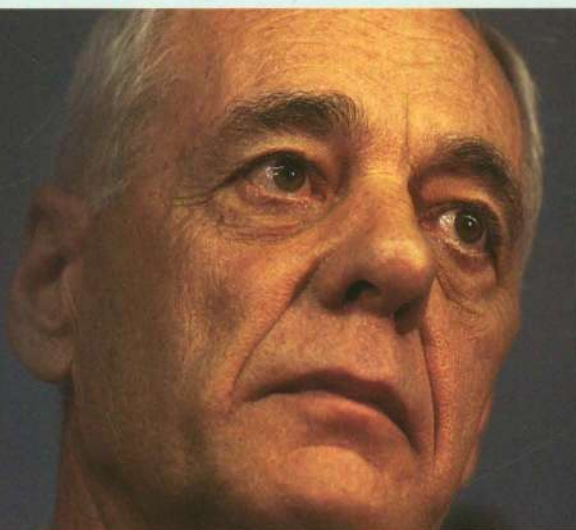
Reinhold Stephanes – Há um profissional à frente da Pasta pronto a procurar colaboradores que oficialmente sejam extremamente capazes. Vou manter um entendimento per-

manente com o setor agropecuário e com seus representantes e tentar fazer o melhor trabalho possível. Cada entidade tem sua forma de pensar e tem interesses diferentes. Meu papel como ministro é compreender as demandas de cada instituição e integrá-las em prol do bem público.

A agricultura sofreu nos últimos dois anos uma das mais graves crises. Há algo que o Ministério da Agricultura possa fazer para que o crescimento no faturamento se traduza em posição de mais tranquilidade para o produtor?

Reinhold Stephanes – É claro que sentimos muito o prejuízo nas duas safras anteriores, não só pela quebra causada por questões climáticas, mas também pelos preços, que não eram compatíveis. Nesse momento, assumimos em uma situação muito melhor. Há boas expectativas para as próximas safras, os preços também melhoraram muito e sabemos também que há necessidade de mais duas ou três à frente para que a agricultura possa se capitalizar. Tenho clara noção disso e sei ainda que outro ponto sensível é a questão dos juros. A inflação está caindo e os juros se mantendo. Isso significa que os juros reais são hoje maiores do que eram antes. Todas essas são questões que, evidentemente, temos de enfrentar e ver como resolver. NT

**“MEU PAPEL
COMO MINISTRO
É COMPREENDER
AS DEMANDAS E
INTEGRÁ-LAS”**



EM DIA COM OS IMPOSTOS *no campo*

Especialistas em tributação rural dão dicas importantes para o produtor garantir a saúde fiscal da sua propriedade e se manter em dia com lei.

No dia-a-dia da administração de uma propriedade rural, o produtor se envolve tanto com os problemas relacionados à atividade em si, que acaba deixando em segundo plano alguns pontos fundamentais para a saúde do seu negócio.

A parte tributária, por exemplo, envolve uma gama de impostos e taxas de recolhimento compulsório que, ao menor descuido, podem deixar o proprietário de terras em situação difícil perante o fisco. A lista de tributos não é pequena, incluindo Imposto de Renda (IR), Imposto sobre Propriedade Territorial Rural (ITR), Funrural, Tributação Sindical (contribuição sindical rural), Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), entre outros.

“Manter-se em dia com os tributos é uma tarefa complicada, cheia de detalhes que, muitas vezes, passam despercebidos e geram grandes problemas no futuro”, explica o advogado tributarista especializado em direito agrário e dívidas rurais, Luiz Augusto Germâni, que destaca dois desses impostos, tratados de forma especial na legislação fiscal da atividade primária: o Imposto de Renda (IR) e o Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural (ITR).

O IR, como o próprio nome diz, é um tributo cobrado sobre toda a renda gerada pela propriedade rural. Nesse caso, especificamente, há a possibilidade de o produtor deduzir parte da receita bruta da fazenda por meio da restituição dos investimentos, que podem ser contabilizados como despesas. Já o Imposto Territorial Rural, por sua vez, é uma tributação criada sobre a posse da terra, sendo cobrado segundo o tamanho da área utilizada pela atividade agrícola. O imposto funciona como uma espécie de IPTU (Imposto sobre Propriedade Territorial Urbana), só que voltado às propriedades rurais.

Germâni explica que esses tributos são os que costumam gerar mais confusão na cabeça do produtor rural. No IR, os problemas podem ocorrer na interpretação do produtor sobre se determinado investimento efetivamente serve ou não para ser lançado como despesa. Por exemplo: a aquisição de um carro para uso pessoal pode ser considerada como investimento? Neste caso, é importante ressaltar que na hora de avaliar tecnicamente o formulário de contribuição do IR, os técnicos da Receita Federal consideram tanto o produtor rural (pessoa física) quanto a propriedade rural (pessoa jurídica) como unidades autônomas, tendo, portanto, de declarar seus ganhos individuais.

No caso do ITR, o problema mais comum é o não reconhecimento por parte da Receita Federal de isenções lançadas pelo contribuinte, especialmente no que diz respeito às áreas ambientais e impróprias para a atividade rural, salvo quando a lei as considera isentas, completa o especialista.

Outro entrave para o produtor rural são as variações tributárias interestaduais. De acordo com o advogado, o agropecuarista deve se precaver contra orientações errôneas, que tentam diminuir custos tributários. “Há de se fazer consulta jurídica, com profissional habilitado, antes de se tomar qualquer providência no sentido de elidir fiscalmente”, recomenda.

Segundo o delegado da Delegacia da Receita Federal em Dourados (MS), Marcelo Rodrigues de Brito, a atividade rural tem características bem específicas no âmbito da Receita Federal. “Como primeira diferença de outros setores, temos que a tributação do Imposto de Renda pode ser feita na própria declaração de ajuste Anual do Imposto de Renda da Pessoa Física (DIRPF)”, explica.

Uma forma simples de racionalizar o pagamento de tributos, segundo o delegado, é a apuração anual do conhecido

BRITO E GERMÂNI RECOMENDAM
ATENÇÃO AOS DETALHES
FISCAIS NO CAMPO



FOTOS: DIVULGAÇÃO

“Livro Caixa”. Esta é a situação mais simples e mais utilizada pelos produtores, abrangendo as receitas, as despesas e os investimentos. Sendo positivo, o resultado é oferecido à tributação na DIRPE, entregue até o final de abril do ano seguinte ao de apuração. A abertura de firma para desenvolver a atividade rural é uma ação recomendada para legalização da produção no campo, de modo a assemelhar a tributação da propriedade rural com a de empresas comuns. “A empresa terá, então, toda a escrita fiscal para apuração do Imposto de Renda da Pessoa Jurídica e os demais impostos devidos”, esclarece Brito.

Para o produtor rural não cair na chamada malha fina – verificação eletrônica da Receita Federal que rastreia problemas em declarações –, o delegado aconselha cuidados especiais com rendimentos de arrendamentos rurais. “Tais rendimentos não constituem receita da atividade rural e devem receber o mesmo tratamento de aluguel de imóvel urbano. O alerta vale também para a grande maioria dos contratos com gado: não sendo considerados como parceria, suas receitas devem ser oferecidas à tributação fora da atividade rural”, explica.

Detalhamento e precisão são imprescindíveis para evitar futuras dores-de-cabeça, com perda de tempo e de dinheiro. “Tanto o proprietário como o imóvel explorado devem estar com a situação regular não apenas perante a Receita Federal mas também aos demais órgãos públicos. Esse cuidado é de vital importância para o produtor”, destaca o delegado Marcelo Brito. O alerta faz sentido: a multa sobre IR e ITR variam de 75% a 225%.

O site da Receita Federal (www.receita.fazenda.gov.br) oferece orientação rápida e segura para o contribuinte. No portal, também é possível, via certificação digital, resolver pendências com o fisco, como consultar e alterar dados cadastrais, obter cópias de declarações, consultar restituições, parcelamentos, entre outros pontos. **NT**

A DIFÍCIL TAREFA DE CONTRATAR O FUNCIONÁRIO CERTO

Assim como nas empresas urbanas, a contratação de mão-de-obra no campo é igualmente delicada. É preciso conhecer bem os candidatos, avaliando suas referências. Tudo isso para minimizar os problemas.

A carência de consultorias e profissionais especializados na administração de recursos humanos no setor rural é determinante para o proprietário ou administrador rural desenvolver métodos próprios para contratar ou demitir a mão-de-obra da fazenda. Assim, muitas vezes, a experiência profissional é o único atributo usado para discernir entre o bom e o mau peão.

Mas, atenção: assim como nos centros urbanos, o descuido ou despreocupação com histórico e conhecimento do candidato à vaga pode gerar grandes problemas no futuro. “E, nesse processo, até mesmo a índole deve ser levada em conta”, observa Hélio Maddalena Júnior, administrador das propriedades da Tortuga – Fazendas Caçadinha (Rio Brillhante, MS) e União (Sidrolândia, MS), que escolhe seus profissionais de acordo com as necessidades de cada uma das fazendas.

Segundo Maddalena, na bovinocultura, por exemplo, há uma regra prática que estabelece um campeiro para 400 vacas de cria ou um campeiro para 500 bois de engorda. O perfil do cargo é definido a partir da descrição das atribuições. O gerente afirma, ainda, que o salário pago é resultado de levantamento feito na região da fazenda e os benefícios são fixados após verificação de costumes regionais, em conjunto com políticas de recursos humanos da Tortuga. “Procuramos recrutar e contratar a mão-de-obra na região de influência de cada propriedade”, ressalta.

A escolha de um funcionário apto a exercer funções nas fazendas da Tortuga é determinada por duas linhas de avaliação: habilidade profissional e aspectos comportamentais; capacidade de trabalhar em equipe, ser comprometido com a empresa e leal à equipe. Em termos práticos, ele deve manejar animais por adestramento, manejo de pastagens, informações e prática de aplicação de medicamentos e vacinas, além de noções de reprodução animal e cuidados pós-nascimento. “Todos esses são conhecimentos obrigatórios, assim como capacidade para se relacionar na comunidade”, diz.

HÉLIO MADDALENA RECOMENDA CAUTELA NA ESCOLHA DA MÃO-DE-OBRA



Na hora de realizar a entrevista, Hélio Maddalena aconselha: “Essa conversa deve ser criteriosa, buscando avaliar a experiência e a índole do candidato, por meio de papo informal, deixando-o à vontade para externar e manifestar de forma mais genuína e menos estudada ou com nervosismo”. Experiente, ele diz que importante nesse processo é buscar informações sobre as referências dadas pelo candidato, além de pesquisar, por certidões negativas, a situação civil, criminal, creditória e fiscal do candidato.

A contrapartida da empresa após a contratação do novo funcionário deve ser mantê-lo sempre motivado. “Creio que o principal fator motivacional seja o respeito que se dispensa ao colaborador. São manifestações concretas: salário justo, facilitar o atendimento às necessidades básicas do trabalhador e de sua família, possibilitar a frequência escolar dos filhos, oferecer plano de treinamento e de qualificação profissional, cumprimento dos deveres patronais”, conta Hélio, citando também a importância da realização de eventos de confraternização para promover a sociabilidade entre as famílias.

Dentre as dificuldades enfrentadas na administração de recursos humanos na propriedade, o processo demissional é o mais delicado. O gerente da Tortuga explica que, nessa situação, é imprescindível ao administrador equilíbrio, apontando motivos para a decisão, com franqueza e lealdade. “Se houve erro da parte do colaborador, deve informá-lo sem ofendê-lo. Se a causa for alheia à pessoa dele, por exemplo, redução de despesas, precisa também esclarecer e justificar. Qualquer que tenha sido o motivo, deve buscar facilitar a saída, em termos de agilidade no acerto de contas, transporte de mudança e quitação de direitos trabalhistas. Além disso, é importante verificar sobre possíveis questionamentos ou solicitações a que o demitido acredita ter direito”, esclarece Maddalena. NT

QUALIDADE

SUPLEMENTAÇÃO CORRETA DOS BEZERROS DÁ LUCRO PARA NOVA GRANADA (GO)

Palavras do proprietário, Marco Cano: “Fosbovinho promoveu 24 kg a mais de ganho de peso à desmama, que resultou em R\$ 29,70 de lucro por bezerro com a suplementação”.

O período compreendido entre o nascimento e a desmama é a fase da vida do animal em que se apresentam as mais altas taxas de ganho de peso, alcançando, em apenas sete meses, cerca de 30 a 50% do peso final de abate. Até certo ponto, quanto mais leite o bezerro recebe da mãe, mais depressa ele cresce. No entanto, a relação entre esses dois fatores (produção leiteira da mãe e ganho de peso da cria) diminui bastante de intensidade, depois de 16 semanas. Nas raças zebuínas, a situação é ainda mais crítica no que se refere à produção leiteira da vaca. Assim, a partir de 3 a 4 meses de idade, boa parte dos nutrientes necessários ao bezerro provém de outras fontes que não o leite materno.

GREEP-FEEDING E FOSBOVINHO GERAM LUCRO PARA A NOVA GRANADA



PESO À DESMAMA DE BEZERROS TRICROSS NO LOTE-CONTROLE E NO LOTE COM FOSBOVINHO

PESO À DESMAMA (kg)



Independente da época da desmama, muitas vezes observam-se bezerros com peso corporal inferior ao seu potencial. Isso se deve, provavelmente, à deficiência de nutrientes essenciais, tanto no leite das mães quanto nos pastos. No intuito de contornar essas deficiências, foi desenvolvida a tecnologia do *creep-feeding*, que consiste em um cocho com acesso privativo do bezerro e que visa à suplementação da cria, sem separá-la de sua mãe, com um produto específico. Embora não seja o objetivo principal, o *creep-feeding* cumpre muitas vezes a finalidade de beneficiar a vaca em sua performance reprodutiva.

A Agropecuária Nova Granada, localizada a 5 km de Ceres (GO), e que utiliza produtos Tortuga há cerca de 12 anos, comprova os resultados com *creep-feeding*. O proprietário é o médico veterinário Marco Cano, que tem doutorado no exterior e administra a propriedade com bastante critério. Sua fazenda dedica-se ao sistema de cria com utilização de inseminação artificial em matrizes Nelore e F1 Nelore/Angus. O criador enaltece as vantagens do cruzamento advindas da heterose e explica que, quando se cruzam duas ou mais raças de boa genética, os ganhos em produtividade são garantidos. A Nova Granada possui, ainda, convênio com a Universidade de São Paulo, participando de prova de avaliação de touros.

Em relação à nutrição, a opção pela Tortuga é devida, segundo Marco Cano, à qualidade superior e constante dos produtos que possuem tecnologia

diferenciada. Isso possibilita resultados consistentes e previsíveis, uma vez que o produto possui padrão de qualidade.

Cano obteve em bezerros tricross (Senepol x F1 Nelore/Angus), desmamados aos 7,5 meses, 24 kg a mais no peso à desmama, utilizando Fosbovino no *creep-feeding* (gráfico acima). Isso equivale a 106 gramas a mais de ganho de peso diário. A viabilidade é extremamente positiva, pois em 1.000 bezerros seriam 24.000 kg a mais (1.000 x 24 kg), que equivalem a 800 arrobas (24.000kg / 30 kg). Atualmente, ao preço de R\$ 54,00 a arroba resultaria em ganho bruto de R\$ 43.200,00 (800@ x R\$54,00).

Considerando consumo de 50 gramas/dia, em 225 dias o consumo seria de 11,25 kg de Fosbovino por bezerro. Ao custo de R\$ 1,20/kg de Fosbovino, a suplementação de cada animal custaria R\$ 13,50 (11,25 kg x R\$ 1,20/kg). Logo, em 1.000 bezerros o custo de suplementação foi de R\$ 13.500,00. Portanto, o lucro adicional foi de R\$ 29.700,00 (R\$ 43.200,00 - R\$ 13.500,00), com a utilização de Fosbovino em 1.000 bezerros, ou ainda lucro de R\$ 29,70 por bezerro.

O diferencial tecnológico de Fosbovino é que o produto possui os minerais sob a forma orgânica de Carbo-Amino-Fosfoquelato. Nessa forma, os minerais promovem aumento da flora microbiana dos animais, aumentando a digestão e o consumo das pastagens devido à antecipação no desenvolvimento do rúmen. Isso explica porque Fosbovino apresenta grande

aumento no aproveitamento da pastagem, mesmo com baixo consumo, aumentando o ganho de peso, com baixo custo.

O sistema de *creep-feeding* exige a instalação de um cercado que deve se localizar junto às áreas de descanso das vacas (malhadouro), ou próximo às aguadas, e sempre nas proximidades do cocho de sal. Isso é importante, pois o êxito de qualquer suplementação depende de os bezerros consumirem, de fato, o produto oferecido. Seguem algumas recomendações importantes para uso de *creep-feeding*:

- A área do cercado deve ser de aproximadamente 1,5 m²/cria (deixando espaço de, no mínimo, 2 m entre o cocho e a cerca para circulação);

- O espaçamento de cocho deve ser de 2 cm/bezerro com acesso bilateral;

- O cocho da vaca deve estar a 1,1 m de altura para evitar o acesso do bezerro que, por instinto de sobrevivência, tende a se alimentar junto à mãe;

- O fornecimento deve ser em pequenas quantidades para que o produto não perca a palatabilidade no cocho.

Marco Cano destaca, ainda, o efeito indireto de *creep-feeding*, que é a redução do número de mamadas na vaca. Ele explica que isso reduz a dependência bezerro-vaca e a matriz será menos exaurida pelo bezerro. Cano obteve, utilizando Fosbovi 20 nas vacas e Fosbovino no *creep-feeding*, índice de prenhez de 92% em matrizes F1 Nelore/Angus, numa estação de 4 meses com inseminação artificial. São estes excelentes resultados que levam Cano a afirmar que 'Quando se usa Tortuga, pode haver outro problema na fazenda, mas não o suplemento mineral'.

A competição com outras culturas bastante rentáveis, como a cana-de-açúcar, exige que a pecuária se profissionalize na região. É injusto e equivocado comparar a agricultura de precisão, praticada atualmente, com a agricultura de décadas atrás. No entanto, quando se investe na pecuária com tecnologia, esta se torna extremamente competitiva e lucrativa. NT

NELORE ALÓDIA GANHA O SEU ESPAÇO

Projeto de seleção da raça Nelore comandado por Fabiano França Mendonça Silva foca genética de altíssima qualidade e obtém resultados expressivos nas mais disputadas exposições pecuárias.

Há aproximadamente cinco décadas, o pecuarista Antônio Augusto da Silva introduzia a raça Nelore na região de Patos de Minas (MG). Seu espírito pioneiro e sua visão progressista, desde então, nortearam os passos da criação de Nelore nessa região, gerando frutos percebidos até hoje. A partir da década de 1970, seus sucessores, os irmãos Mendonça da Silva iniciaram a seleção da raça Nelore PO com o sufixo Marca Rio. Preocupados em evoluir como criadores, sempre objetivaram possuir o que havia de melhor em genética da raça. Buscaram dentre os melhores criatórios da época (VR, Lamartine Mendes e Brumado) aqueles animais que se completavam e resultavam em progênes superiores.

ABAIXO, O TOURO JAMMUH; ACIMA, RODRIGO (TORTUGA), FABIANO (NELORE ALÓDIA), O GERENTE CARLOS E WILSON (MARUPIARA REPRESENTAÇÕES)



Em 1994, um de seus netos, o pecuarista Fabiano França Mendonça Silva assumiu parte do criatório e iniciou uma nova etapa na criação da raça, agora denominado Nelore Alódia. Desde então, o criatório passou a incorporar matrizes Marca Rio e adquiriu animais provenientes dos criatórios: Paulicéia, Baluarte, Agropeva, José Olavo Borges Mendes, José Ádamo Belato, Tia Dora, OJ e Sudamata, entre outros de destaque no cenário nacional. Sempre em busca de um animal bem caracterizado racialmente, moderno, produtivo, precoce e capaz de atender o mercado competitivo, como da pecuária atual.

Segundo palavras do próprio cria-



dor, esta opção, além da origem familiar, buscou a rusticidade do Nelore, exigida nos mais diversos ambientes encontrados nas propriedades brasileiras, sendo considerada, ainda, a grande demanda de genética Nelore a união entre os criadores e, sobretudo, o prazeroso trabalho de aprimoramento genético para o engrandecimento da raça. Atualmente, o Nelore Alódia vem participando das mais importantes exposições da raça no País, sempre tendo coroado seu trabalho com excelentes resultados em pista, onde já coleciona vários campeonatos.

Em 1996, durante a 38ª Festa Nacional do Milho (Fenamilho) e 1ª Exposição Ranqueada da Raça Nelore de Patos de Minas, o pecuarista Fabiano Mendonça iniciou a utilização dos produtos Tortuga em seu criatório. Desde então, a Tortuga vem prestando suporte técnico e comercial, visando à expressão máxima do potencial genético do Nelore Alódia, como: habilidade materna, taxa de concepção e desempenho ponderal, entre outros índices produtivos. "Além dos resultados já alcançados, a confiança e a credibilidade na marca Tortuga foram determinantes para que o criatório continuasse avançando em qualidade e resultados", afirma Fabiano. Atualmente, a Tortuga está presente em todas as suas propriedades, inclusive no seu rebanho de corte.

O Nelore Alódia participará da Expozebu 2007 com cinco excelentes animais, destacando-se o Grande Jammuh da Alódia (Fajardo em vaca Ladhur PO da Jatobá), que aos 33 meses apresenta 1.185 kg (em 13 de março de 2007). Jammuh é o atual Grande Campeão de Janaúba, Campeão Touro Jovem de Curvelo e de Dorés do Indaiá, entre outros campeonatos.

"No dia 13 de março, pude atestar, durante visita realizada à propriedade, que o touro Jammuh da Alódia é, de fato, sob o conceito de carcaça moderna, uma realidade, sem perder de vista sua singular caracterização racial. A pecuária nacional se beneficiará com os filhos desse grande raçador", ressalta o zootecnista Rodrigo Anselmo, supervisor técnico-comercial da Tortuga. Mais informações sobre os animais da Fazenda Alódia podem ser obtidas pelo telefone (34) 3353-1220. **NT**

Haras RM, simplicidade E GRANDES CONQUISTAS

Em uma década, propriedade de Roberto Montenegro conquistou respeito e destaque na raça Pampa.

O segredo está na paixão e na dedicação.

Cavalos que impressionam pela beleza e pelo porte. Manchados, pintados ou desenhados, estas definições caracterizam o cavalo Pampa, eqüino de pelagem exótica, boa conformação e que está entre os mais procurados animais de sela do mercado nacional.

Esses atributos motivaram Roberto Montenegro, do Haras RM, de Quadra (SP), a realizar um sonho de infância. O haras possui 120 alqueires, dos quais 95 são destinados exclusivamente à criação do Pampa. “Na última década, o mercado de cavalos despertou para um animal que reluz aos olhos dos compradores: Pampa, o cavalo de sela brasileiro”, diz o empresário, que apaixonou-se pela raça e tornou-se um investidor.

Não se sabe exatamente qual a origem do Pampa, mas se supõe que tenha che-

gado por aqui com os colonizadores portugueses e holandeses. Até pouco tempo atrás, a raça era um tanto quando marginalizada, pois havia descrédito em relação à sua morfologia. “Mas, hoje, devido à realização de um trabalho muito sério, os criadores têm excelentes matrizes, com boas linhagens resgatadas. O Pampa é uma raça em ascensão”, diz Montenegro.

O Haras RM, em atividade há 30 anos, abandonou a criação de Nelore para se dedicar exclusivamente ao cavalo. A estrutura é funcional e própria para criação de animais de elite. “Nossas éguas são acasaladas com garanhões comprovados. Com isto, a seleção é rigorosa”, assinala o criador.

Os resultados aparecem. Na propriedade, há coleções de troféus conquistados em exposições e leilões. Além disso, a comercialização de animais é elevada: são cerca de

80 a 100 produtos vendidos por ano. Os destaques são vários, tanto entre fêmeas como entre machos, exemplo do reprodutor Diamante Negro da Ginga, Grande Campeão Cavalo Pampa em 2003. E a qualidade do pai passou para o filho, Forró RM, Grande Campeão Potro Pampa 2006.

Atualmente, o haras mantém aproximadamente 300 animais, sendo que 30% são considerados elite. Todos recebem alimentação balanceada. Os campeões são mantidos em cocheira e são tratados com feno de alfafa, ração e suplementação mineral. Os demais recebem água, capim (*coast-cross*) e suplemento mineral.

Para alcançar índices sempre melhores, a propriedade passou a utilizar uma nova suplementação mineral (Kromium), da parceira Tortuga. De acordo com Roberto Montenegro, a mineralização deixou de ser luxo para se transformar em fator de desempenho produtivo. “Os animais têm de ter precocidade o que implica resultados econômicos diretos”, ele diz.

“A explicação é simples. A boa mineralização, previne diversas doenças ortopédicas de desenvolvimento e satisfaz as necessidades dos animais, de acordo com sua faixa etária, consequentemente gerando ganhos econômicos”, explica Antonio Augusto Coutinho, coordenador nacional de eqüinos da Tortuga.

Roberto Montenegro conta que, depois de adotar Kromium, percebeu a economia com o uso do suplemento mineral, além da obtenção de resultados claros em termos genéticos, nutricionais e até sanitários. “Não devemos iniciar uma criação pensando no retorno financeiro puro e simples. Sabemos que há inúmeras outras formas de rentabilizar melhor o capital. Mas o prazer que o cavalo traz é único e este é, certamente, o maior bem que o criador deve esperar. O importante é estruturar sua criação da melhor forma, para que esse hobby seja, no mínimo, auto-sustentável”, ensina o empresário. **NT**

FORRÓ RM: GRANDE CAMPEÃO
POTRO PAMPA 2006



FOTO: FATIMA COSTA/TEXTO

FOSBOVI REPRODUÇÃO

OBTÉM RESULTADOS EXCELENTES NO PARÁ

Experimento foi realizado nas fazendas Itamaraty e Água Limpa, precursoras do cruzamento industrial no sudeste do Pará e modelos de pecuária com alta produtividade.

Dedicadas à cria, à recria e à engorda, as fazendas Itamaraty e Água Limpa, de João de Oliveira Costa, localizadas na região de Marabá, têm conseguido alcançar índices zootécnicos que as colocam em lugar de destaque no cenário da pecuária do sudeste do Pará. O principal foco é o cruzamento industrial, tendo por base a utilização das raças Nelore e Red Angus, que constituem rebanho de, aproximadamente, 5.500 cabeças, das quais cerca de 2.100 são matrizes. Em torno de 70% destas fêmeas são ½ sangue Red Angus, produzidas apenas com a utilização de inseminação artificial, sem repasse com touros.

Conhecedor do grande potencial do seu rebanho, João Costa reconhece que o segredo do seu sucesso consiste em oferecer aos animais pastagens em quantidade e qualidade adequadas, além de correta suplementação mineral. Rígido controle sanitário e capacitação da mão-de-obra também fazem parte da rotina das fazendas.

A utilização dos produtos do Programa Boi Verde, particularmente Fosbovino e Fosbovi Reprodução, tem contribuído de forma significativa para a obtenção dos índices zootécnicos, sobretudo os referentes ao peso à desmama e à fertilidade.

Os resultados a seguir demonstram a seriedade e o profissionalismo com que João administra o seu sistema de produção.

Resultado geral das estações de monta (2005 e 2006) com utilização de Fosbovi Reprodução:

ANO	Nº DE ANIMAIS (%)	Nº DE PRENHEZ (%)	DOSES DE SÊMEN POR PRENHEZ
2005	2.050	87,5%	1,34
2006	2.100	88,0%	1,32

ANO	MACHOS	FÊMEAS
2005	233 KG PESO VIVO	221 KG PESO VIVO
2006	227 KG PESO VIVO	217 KG PESO VIVO

“Após 21 dias da estação de monta, iniciada em 10 de outubro de 2006, 72% das fêmeas do rebanho já haviam sido inseminadas”.

Os dados no quadro referem-se ao total das fêmeas do rebanho. Dessas fêmeas, 70% são matrizes ½ sangue Red Angus, que obtiveram índices de prenhez de 94,1 % e 93,3%, em 2005 e 2006, respectivamente.

João Costa afirma estar muito satisfeito com a boa qualidade de seus bezerros e informa que há na região mercado muito favorável para sua comercialização, sendo que os ótimos pesos ao desmame, conseguidos com a utilização de Fosbovino, permitem que esses animais sejam comercializados a preços 25% maiores que os valores médios do mercado regional.

O pecuarista planeja aumento de seu rebanho de vacas ½ sangue Red Angus em 2007, a partir da produção de apenas bezerros para venda.

“Não consigo imaginar meu rebanho de cria sem a suplementação de Fosbovi Reprodução, pois os resultados são visíveis. A parceria com a Tortuga possibilitou a obtenção de bons resultados financeiros e produtivos”, ressalta João de Oliveira Costa.

CÁSSIO FERNANDO CUISSI,
Assistente técnico



O melhor FOSFATO PARA O GADO

O fosfato bicálcico é o suplemento alimentar de fósforo mais nobre e mais amplamente usado no mundo para fornecer aos animais teores de fósforo de alta qualidade. Existem também os fosfatos agrícolas e os fosfatos de rocha, geralmente vendidos com preços inferiores aos do fosfato bicálcico.

Por isso, é grande a tentação de se usar na alimentação animal tais fontes “não convencionais” de fósforo, cujo uso deve ser restrito às plantas. O problema é que a fabricação de fertilizantes não obedece às normas exigidas para garantir alto grau de pureza nos produtos, para que possam ser empregados com segurança nos suplementos e nas rações animais.

Para a produção de fosfato bicálcico, emprega-se ácido fosfórico purificado, o que resulta um produto com baixos níveis de flúor e outros contaminantes. Já a indústria de fosfato agrícola, emprega fosfato bruto de rocha (alto teor de flúor) e não aplica processos de purificação.

O fosfato supertríplo, por exemplo, nada mais é do que o resultado da reação do ácido fosfórico não tratado sobre a rocha fosfórica bruta, ambos de uso agrícola, carregando, portanto, todas as impurezas dos produtos originais. Se as impurezas não afetam as plantas, o mesmo não se pode dizer dos animais, os quais são afeta-

dos, prejudicando o seu metabolismo.

Os fósforos agrícolas contêm elevado e variável nível de contaminantes e baixa disponibilidade de fósforo para os animais, ou seja, grande parte do fósforo ingerido é eliminado, por meio das fezes e da urina, para o ambiente.

O excesso de fósforo no solo e nas águas tem efeito negativo nos ecossistemas, resultando na eutrofização de mananciais, com crescimento de algas, redução do oxigênio da água e morte de peixes e outros organismos. O impacto ambiental é tão nefasto que já causou redução dos rebanhos suínos na Holanda e fechamento, ou transferência para outros estados, de dezenas de produtores de leite da Flórida, nos Estados Unidos.

A Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, da Universidade de São Paulo (USP), vem desenvolvendo extenso estudo físico, químico e biológico de diferentes tipos de fosfatos, para avaliar riscos e benefícios na alimentação animal.

De 1993 a 1999 foram avaliados 54 amostras do Brasil, Estados Unidos, Alemanha e Israel, de fosfatos grau alimentação animal, fosfatos agrícolas, fosfatos de rocha, entre outros.

Os estudos avaliaram vários tipos de fosfatos agrícolas (superfosfatos triplo, fosfato monoamônio, etc), revelando

que contêm altos níveis de impurezas, particularmente flúor, ferro, magnésio, enxofre, bário, titânio e tório, sinais de toxicidade e biodisponibilidade de fósforo variável.

Considerando que as rochas fosfáticas são empregadas diretamente na produção de fertilizantes sem passarem por um processo de purificação, causam preocupação os níveis de outros elementos tóxicos, além do flúor, como cádmio e vanádio.

Já os fosfatos *feed-grade* apresentam alto grau de pureza química e alta biodisponibilidade de fósforo.

A inclusão de fosfatos com altos teores de flúor na dieta animal resulta em menor ganho de peso, menor ingestão de alimentos, pior conversão alimentar e comprometimento da mineralização óssea e da resistência óssea às fraturas.

Existem registros de intoxicação e morte por flúor em rebanhos bovinos na Nova Zelândia, resultado da ingestão de fosfato supertríplo empregado na adubação de pastagens.

FELIX RIBEIRO DE LIMA (1951 - 2005), foi professor-doutor do Departamento de Nutrição e Produção Animal da Universidade de São Paulo (SP). Este artigo foi originalmente publicado no jornal O Estado de São Paulo. Sua reprodução aqui é uma homenagem da Tortuga ao trabalho desenvolvido pelo prof. Felix.



agora, os pontos básicos a ser observados na busca de uma recria inteligente.

A recria deve ser precedida de uma cria e desmame racionais, explorando-se ao máximo o potencial desta “máquina biológica”, durante uma fase em que os animais ainda comem pouco e fazem ótimo aproveitamento de sua nutrição, que é convertida com grande eficiência em proteínas nobres. A eficiência do desempenho aumenta com a diminuição do tamanho do lote.

Logo após o desmame racional (de baixo estresse), iniciamos a recria. Devemos separar os machos das fêmeas, formar lotes uniformes e não muito grandes; para o pastejo contínuo, nunca acima de 200 animais por lote, e, no caso de pastejo rotacionado, 600 animais em recria, no máximo. Merece consideração o fato de alguns pecuaristas colocarem animais de recria em pastos que deverão ser reformados, com o intuito de explorar ao máximo o pouco ou quase nada que resta da forragem. Isso é uma decisão completamente equivocada e que não cabe numa moderna empresa que tem por objetivo a pecuária de precisão. Normalmente, à desmama, já foram realizadas as marcações, vacinas e outros procedimentos recomendados para machos e fêmeas em idade jovem.

Os pastos destinados à recria devem ser especiais, devendo ter água abundante, de boa qualidade e de fácil acesso, além de bons cochos e muita sombra. Deve-se manter adequada pressão de pastejo para evitar falta ou sobra de pasto.

Bovinos em recria precisam receber, além do melhor pasto, mineralização correta. Os minerais, que complementam o pasto, devem estar disponíveis, pois são nutrientes fundamentais para o desenvolvimento dos animais nessa fase tão importante. Os cochos devem ser: cobertos, de boa qualidade, possuir depósito de sal, ter altura adequada e ter área que permita o acesso e o consumo corretos. Como a mineralização deve ser ajustada para contemplar os períodos de seca e das águas, quando os consumos são diferentes, a área deve ser dimensionada para o período seco, época em que o consumo é maior. É comum, em sistema de pastejo rotacionado, a formação de grandes lotes, por vezes, sem o devido ajuste na dimensão do co-



BOVINOS DE CRIA
DEVEM RECEBER PASTO E
MINERALIZAÇÃO CORRETA

FOTO: DIVULGAÇÃO

cho na área de alimentação. Dependendo do produto que vai ser ofertado durante a seca, recomenda-se um metro linear de cocho para 30 a 50 animais, no máximo, visto que a atual tendência da maioria dos fazendeiros é ofertar produtos de alto consumo nesse período, quando as pastagens estão secas e perdem muita qualidade. Para consumos uniformes, o cocho deve ser localizado em lugar estratégico da invernoada, no caso de pastejo contínuo, sempre em lugares que facilitem o acesso dos animais, o que normalmente ocorre nos malhadouros. Outro fator que interfere no consumo uniforme é a reposição da mistura mineral nos cochos, que deve ser a mais freqüente possível, principalmente durante as águas. Deve-se evitar tanto a falta quanto o excesso de sal, pois isso acarreta desperdícios ou diminuição do consumo. A mistura mineral deve estar sempre fresca e permanentemente à disposição dos animais.

Outra recomendação de grande importância e que merece destaque especial é o controle eficiente das verminoses e outros parasitas.

A fase mais crítica da vida dos bovinos ocorre durante o período de recria, pois, com a perda da proteção materna, estes animais precisam aprender a viver independentes. Além disso, podem ocorrer mudanças bruscas de ambientes, seja dentro da própria fazenda de nascimento ou principalmente quando transportados para outras áreas, pelo fato de ser vendidos a terceiros ou porque a fazenda de recria não é a mesma de cria.

Outro fato que compromete gravemente o bem-estar dos animais dessa ca-

tegoria é a grande participação deles nos leilões e nas feiras de comercialização, o que os expõe aos estresses provocados pelo transporte e pela movimentação intensa a que são submetidos naqueles eventos.

Concluindo, podemos dizer que mesmo uma recria “crioula” sofre sérios transtornos e, portanto, fica sujeita a inúmeros fatores altamente estressantes. Por isso, é fácil compreender que a recria será sempre a categoria em que os animais estão mais sujeitos ao desconforto, o que compromete a sua resistência imunológica, expondo-os às doenças oportunistas e aos parasitas, abrindo portas para incontáveis inimigos da saúde, do bem-estar e do desempenho.

Podemos, pois, afirmar que os ingredientes necessários para a realização de uma recria dentro dos padrões profissionais podem ser resumidos em: boa genética, bom pasto, mineralização correta, rigoroso controle sanitário e manejo adequado. Tais medidas permitirão que os animais expressem todo o potencial genético de que são possuidores.

Assim, como a cria bem feita e o desmame racional podem encurtar, no mínimo um ano de pasto, a recria bem conduzida também pode eliminar mais um ano. Com atitudes simples e racionais, é possível encontrar um excelente atalho para encurtar o ciclo da nossa criação extensiva e dar um grande salto na busca de desfrute compatível com a grandeza e o padrão genético da pecuária brasileira.

JOÃO OSMAR DE OLIVEIRA
(CRMV-MT 0109)
e
AYRTON LUIZ BENDER
(CRMV-MS 1013)

TRANSIÇÃO ÁGUA/SECA

Nesse período do ano as relações biota/hospedeiro ficam estremecidas, podendo comprometer o consumo de pastagem e, conseqüentemente, o ganho de peso.

O período de tempo compreendido entre o final das águas e o início da seca pode ser chamado de transição. Caracteriza-se por pastagem de tonalidade indecisa que não é nem verde exuberante nem amarelo ressecado. É aquele lusco-fusco vegetal que prenuncia tempos de vacas magras, mas que ainda mantém o gado na boa aparência. É o que Guimarães Rosa chamou de verde enganoso. Não é igual nem contemporâneo em todas as partes. Às vezes, varia dentro de uma mesma região. E esse pasto, assim meio enrustido, é capaz de fazer um estrago dos grandes na microbiota ruminal.

Os microorganismos do rúmen são como operários de uma fábrica em cujo “contrato” com o seu empregador (o boi) consta que o hospedeiro fica obrigado a fornecer alimento, energia, temperatura controlada, pH adequado, remoção de dejetos, reciclagem, especialização e garantia de reprodução aos seus hóspedes. Em contrapartida,

aqueles “sensíveis operários”, por meio de ações muito especiais, ficam responsáveis pela síntese de vitaminas e proteínas, produção de ácidos graxos voláteis e, num gesto extremado de altruísmo, mesmo após a morte, são prontamente digeridos e absorvidos como proteína bacteriana, de alto valor biológico, capazes de atender algo entre 60 e 70% de toda a necessidade corporal.

Pois é justamente nesse tempo de transição seca/água que as relações biota/hospedeiro ficam meio estremecidas. O bovino não consegue ingerir alimento de boa qualidade e o trabalho dos microorganismos fica comprometido. O capim, apesar da aparência, já não possui bom nível de proteína. Envelheceu e está cada vez mais fibroso. Por mais um pouco vira lenha. Sua digestibilidade já não é a mesma. Perdeu até a palatabilidade. Nesse cenário, parte da biota rompe o contrato e se demite, quer dizer, pára de multiplicar. O boi perde peso, o que significa prejuízo.

Fique atento! Aprenda como proceder nesse período tão especial da pecuária de corte extensiva.

PAULO CEZAR DE MACEDO MARTINS,
médico veterinário CRMV-MG 1431
Coordenador Técnico do Noticário Tortuga

BOI GORDO NA SECA



AMOR AO TRABALHO *acima de tudo*

Com 50 anos de Tortuga, Carmen Trevisani aposenta-se, recebendo todo o reconhecimento da empresa e do mercado aos serviços realizados.

Em 1956, quando iniciou sua trajetória profissional na recém-fundada Tortuga Cia. Zootécnica Agrária, a jovem Carmen Trevisani, com apenas 24 anos, talvez não imaginasse que os 50 anos seguintes seriam dedicados a servir uma única empresa. E mais: que o seu trabalho ajudaria a fazer dessa companhia a maior do segmento de nutrição e saúde animal em toda a América Latina.

Arrimo de família, desde muito cedo essa paulistana conheceu bem o significado da palavra responsabilidade. E foi justamente seu comportamento profissional que a aproximou do Dr. Fabiano Fabiani, fundador da Tortuga, por quem, ainda hoje, ela nutre enorme gratidão. Nos primeiros oito anos de empresa, sua atuação foi no setor administrativo, como secretária. “Com o tempo, o Dr. F. Fabiani sentiu que era chegada a hora de me confiar algo maior, que desse mais visibilidade a mim e ao meu trabalho”, lembra Carmen.

Foi quando, por indicação direta do patrão, que ela ingressou na equipe de representantes comerciais da Tortuga no final da década de 1960 e que só foi deixar no início de 2007. Esta história será contada mais adiante.

Pioneirismo – Se não bastasse essa trajetória fantástica, que já faria dela uma pessoa especial, ainda tem um outro capítulo que precisa ser contado e que diz respeito ao trabalho pioneiro de Carmen Trevisani na pecuária do Estado de São Paulo. A dificuldade de entrar no circuito fechado dos produtores rurais é uma das lembranças que essa senhora de 74 anos guarda mais forte na memória. “O tempo era de construir”, diz.

Por isso, não era permitido deixar que o medo e a aparência frágil de menina servissem como obstáculo para o objetivo maior, que era mudar a realidade da produção agrícola em regiões atrasadas, como o Vale do Paraíba (SP), que tinha altíssima mortalidade de animais nas fazendas. A carência de alguns minerais, como o Fósforo, era principal causa das baixas produtividades registradas nas fazendas de leite e corte da região.

Com equipe de dez funcionários, a pequena fábrica de suplementos minerais da Tortuga em um galpão na Av. Santo Amaro, zona sul da capital paulista, era de onde saía toda a produção para abastecer fazendas em várias localidades da região sudeste. Entre os pioneiros que começaram no chão da fábrica ela destaca Guido Gata e Ivo Marega, que até pouco tempo faziam parte da diretoria da empresa. Dona Carmen recorda que a principal diferença daquela época era o calor humano, que na sua opinião, se exauriu das relações de trabalho nos últimos tempos.

Carmen Trevisani lembra os produtos da época, como Cobovi, Coave e Cosui, que eram entregues em barricas de 25 quilos. Uma passagem interessante é da compra de uma Perua Kombi, que foi entregue a ela para fazer a entrega dos produtos nas cidades próximas à região metropolitana da capital paulista.

Todos os dias, ainda de madrugada, lá ia Carmen atender aos produtores nas cooperativas de produção agrícola de Mogi das Cruzes, Coria e Vale do Paraíba, trabalho que em pouco tempo

ganhou o reconhecimento desse público, formado na maioria por homens, que passaram a fazer parte da carteira de clientes. Entre eles, estavam nomes famosos, como Ovídio Miranda de Brito e Carlos Eduardo Quartim Barbosa e até a Associação Brasileira dos Criadores, cliente que chegava a comprar 200 toneladas de suplementos minerais de uma vez. Em 1970, já com sua representação consolidada no mercado, Carmen Trevisani vendeu em um único mês o equivalente a 1.200 toneladas de produtos para bovinocultura de corte e leite.

Hoje, quase quatro décadas depois de ter começado esse trabalho, ela tem a consciência de que é hora de entregar o bastão para alguém mais jovem, que possa continuar o que já foi realizado valorizando o nome Tortuga, conseguido com muito esforço, suor e trabalho.

Em homenagem realizada na última reunião de gerentes da Tortuga, em São Paulo, dona Carmen pôde sentir todo o reconhecimento da Tortuga, representada por sua equipe de gerentes e coordenadores técnicos e o presidente Max Fabiani. Em um clima de muita emoção, a representante mais antiga da companhia anunciou que é chegada a hora de parar. Para muitos dos presentes foi difícil conter as lágrimas diante do relato comovido de Carmen Trevisani, que diz ter adiado essa data já há alguns anos. “Apesar de todo o sofrimento, não dá mais para adiar essa decisão”. Espero que quem assuma o meu lugar cuide com muito amor e carinho daquilo que eu levei quase cinco décadas para construir. **NT**

CARMEN E MAX FABIANI:
ELA CONTA UM POUCO DA
HISTÓRIA DA TORTUGA



INOVAÇÃO



Noticário Tortuga

a ciência e a técnica a serviço da produção animal

Contribuição à zootecnia brasileira

Dr. F. FABIANI

A CARÊNCIA DO FÓSFORO NOS REBANHOS BOVÍNS BRASILEIROS

(NOTA PREVIA)

Em 30 anos, das quais 20 na Europa e os últimos 10 no Brasil, vimos estudando e divulgando o papel dos minerais, e em especial o fósforo, para o desenvolvimento normal e aproveitamento dos alimentos, para a produção e saúde dos animais. Nos 10 anos de trabalho aqui desenvolvidos, tivemos oportunidade de realizar diversas experiências, de pesquisas e definitivas, sob os tipos de criação e alimentação dos animais, com o objetivo de corrigi-las e melhorá-las. A vista da indiscutível importância dos minerais, para os quais elaboramos de modo particular o estudo de nossos leitores, reunimo-las no final destas notas.

Desempenhamo-nos com a que nos foi dado ver em centenas de visitas a rebanhos bovinos, deliberamos contribuir de alguma forma para o inadiável melhoramento de nossa pecuária. Então, com o artigo intitulado «A FOME QUE NÃO SE VÊ», iniciamos em 1952, campanha esclarecedora em torno do assunto, a qual ininterruptamente prosseguirá enquanto «tivermos fôlego» ou enquanto necessária se fizer.

da extensão dos prejuízos, acarretados aos criadores e à economia do País, pela agudíssima deficiência mineral de que são vítima o gado em geral. Por isso, antevendo a possibilidade de liquidar tão custoso sócio dos criadores, através de inúmeras leituras realizadas nos mais diversos fazendas, demonstrando vários aspectos favoráveis a, por um lado, dar grande importância ao departamento técnico de nossa organização, à pesquisa e à divulgação e, de outro, a muitas vezes manifestar ponto de vista contrário àquele dos empíricos, dos pseudotécnicos e dos fabricantes de « sais minerais em pacotinhos milagrosos », reunimo-las no final destas notas.

Inicialmente, os criadores, após serem avisados do estado das coisas, não pagam mais por um pouco de sal, e a situação melhora sensivelmente. Porém, a situação não melhora e a produção continua a cair e a saúde dos animais a piorar. Então, em 1952, campanha esclarecedora em torno do assunto, a qual ininterruptamente prosseguirá enquanto «tivermos fôlego» ou enquanto necessária se fizer.

HO VI JULHO - 1961 N.º 72

A CARÊNCIA DO FÓSFORO NOS REBANHOS BOVINOS BRASILEIROS

DR. F. FABIANI

Há 30 anos, dos quais 20 na Europa e os últimos 10 no Brasil, que vimos estudando e divulgando o papel dos minerais, como fatores fundamentais para o desenvolvimento normal e bom aproveitamento dos alimentos, para a produção e saúde dos bovinos. Nos 10 anos de trabalho aqui desenvolvido, tivemos oportunidade de realizar inúmeras experiências, de proceder a análises de forragens e de fazer observações nas mais variadas regiões do País. Pudemos, assim, chegar a conclusões positivas e definitivas, não só sobre os tipos e intensidade das carências minerais, como sobre a maneira de corrigi-las total e economicamente. À vista da indiscutível importância dessas conclusões, para as quais chamamos de modo particular a atenção e nossos leitores, reunimo-las no final destas notas.

Impressionados com o que nos foi dado ver em centenas de visitas a rebanhos bovinos, deliberamos contribuir de alguma forma para o inadiável melhoramento de nossa pecuária. Então, com o artigo intitulado «A FOME QUE NÃO SE VÊ», iniciamos em 1952, campanha esclarecedora em torno do assunto, a qual ininterruptamente prosseguirá enquanto «tivermos fôlego» ou enquanto necessária se fizer.

Nas fazendas de gado leiteiro, ficamos alarmados com a baixíssima produção média «per capita» (principalmente no Vale do Paraíba), com o mal estado geral dos animais, com o péssimo desenvolvimento dos indivíduos jovens e, ainda, com os

resultados das análises feitas em amostras das pastagens que hospedavam os animais. Não menos desanimadora era a situação dos plantéis de corte, pois o gado só atingia o peso para o matadouro, com a «veneranda» idade de 4, 5 ou mais anos. Por outro lado, os resultados verdadeiramente surpreendentes, obtidos já nas primeiras experiências de integração mineral cientificamente conduzida, vieram dar-nos uma idéia da extensão dos prejuízos, acarretados aos criadores e à economia do País, pela agudíssima deficiência mineral de que era vítima o gado em geral.

Por isso, antevendo a possibilidade de liquidar tão custoso sócio dos cria-

dores, ou seja, a deficiência mineral, re-dobramos de intensidade o trabalho. A par da publicação de artigos, incluímos em nosso programa, reuniões e palestras em torno do problema, assim como demonstrações práticas, através de inúmeros testes realizados nas mais diversas fazendas. Semelhante plano obrigou-nos forçosamente a, por um lado, dar grande preeminência ao departamento técnico de nossa organização, à pesquisa e à divulgação e, de outro, a muitas vezes manifestar ponto de vista contrário àquele dos empíricos, dos pseudotécnicos e dos fabricantes de « sais minerais em pacotinhos milagrosos » panacéias que tudo

pretendem resolver e são vendidos unicamente à vista, por preços exorbitantes à porta das fazendas.

Infelizmente, os criadores, aqui como em todo o mundo são como São Tomé, e, por isso, pagam caro por sua pouca fé na ciência. Fugindo às experiências, que lhes mostrariam o caminho certo, aceitam como normais a baixa fertilidade das fêmeas, a elevada mortalidade dos bezerras, o atraso no desenvolvimento e a reduzida produção de leite e carne. Em conseqüência, até o ano de 1957, quando milhares de bovinos morreram vítimas de carências minerais extremas, apenas alguns poucos criadores mais evoluídos, reconhecendo a importância da integração mineral, mantinham seus rebanhos devidamente « mineralizados ».

A seca nesse ano, de triste memória para os S. Tomé da pecuária, foi o despertador dos incrédulos, que naquela época perderam milhares de cabeças. Somente então, ante o vultoso desfalque dos plantéis, com sério prejuízo para a economia do País, foi que o problema da carência mineral começou realmente a ser considerado pelos criadores. Somente então, esse problema, que no Brasil se revelara mais agudo que em muitos outros países, passou a ser encarado como assunto merecedor de estudo e de solução imprescindível.

Contudo, ao mesmo tempo em que se despertava o interesse pela integração mineral, surgiram em 1957, as mais desconhecidas hipóteses sobre as causas e as mais surpreendentes soluções para o problema. Entre estas últimas, encontravam-se indicações claramente desonestas, que empíricos e oportunistas faziam, com o único objetivo de ganhar dinheiro. Referindo-nos a esses fatos, devemos salientar que, nossa intenção não é policiar, mas apenas alertar os criadores, prevenindo-os contra os aventureiros, e concomitantemente, fornecer-lhes dados elucidativos sobre as reais necessidades minerais de seus animais.

Os acontecimentos de 1957 vieram corroborar nossa convicção sobre a grande importância técnica e econômica da

« mineralização », pois os rebanhos, que vinham recebendo sistematicamente complexos minerais completos cientificamente preparados, nada sofreram, em flagrante contraste com outros de fazendas vizinhas, não « mineralizados », onde a dizimação foi arrasadora, embora vivendo no mesmo solo e alimentando-se do mesmo pasto.

Para melhor discussão do tema, a Secretaria da Agricultura de São Paulo promoveu, naquela ocasião, uma « mesa redonda ». Foram, na oportunidade, levantadas inúmeras hipóteses sobre as causas da mortandade, desde o sal comum envenenado, plantas tóxicas, verminoses pulmonar e intestinal, até as carências mais variadas, como as de cobre, de cobalto etc. No decorrer da mesma, o competente zootecnista Dr. João Barissom Villares atribuiu o fato à diluição dos sais nos capins, pela conjugação de fatores meteorológicos de intensidade incomum.

Concordamos com o seu ponto de vista, porque explicava a resistência dos animais « mineralizados » e a vulnerabilidade

dos não « mineralizados ». Não obstante, desde aquela oportunidade, nota-se muita confusão entre os criadores, quer quanto ao aspecto qualitativo, quer quanto ao quantitativo da questão.

O trecho acima extraído do artigo "A carência do fósforo nos rebanhos bovinos brasileiros", de autoria do Dr. Fabiano Fabiani, fundador da Tortuga, para o Noticiário Tortuga nº 72, é um escrito de inestimável valor histórico. Isso porque é a prova documental do compromisso que a Tortuga Cia. Zootécnica Agrária assumiu, há mais de 50 anos, com a pecuária brasileira de correr sempre atrás do impossível para encontrar caminhos que levem ao desenvolvimento da produção. Hoje, como ontem, a Tortuga reafirma esse compromisso de estar sempre ao lado do pecuarista brasileiro, fomentando seu principal ativo: investir na difusão de ciência e tecnologia para o futuro da produção animal.

SAIS MINERAIS
MINAS "TORTUGA"

NOVILHO PRECOCE AGORA É PADRONIZADO

Associação Brasileira de Normas Técnicas normatiza a definição de novilho precoce, a base da carne de qualidade.

A Associação Brasileira do Novilho Precoce (ABNP) apresentou às entidades de classe e aos pecuaristas a norma da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que regulamenta a definição de novilho precoce, que deve entrar em vigor em curto prazo. O novilho precoce é a base da produção da carne bovina de qualidade devido às características em termos de idade, conformação, peso e rendimento de carcaça, entre outros aspectos.

Constantino Ajimasto Jr, presidente da ABNP, comemora o resultado, que coroa os trabalhos realizados pela entidade desde 2003 para estabelecer normas de produção e conduta do novilho precoce, a fim de melhorar a criação nacional e tornar o Brasil um país ainda mais competitivo mundialmente. “A ABNP tomou a iniciativa de discutir esse assunto em função da dificuldade de se definir o nosso produto. A idéia é trabalhar juntamente com todas as associações, marcas de carne e frigoríficos”, explica Ajimasto.

Entre os principais pontos da norma estão as definições de carcaça, gordura de cobertura, esfolo, fêmea, macho inteiro, macho castrado, castração, dente de leite e dente incisivo permanente, além dos requisitos necessários para um animal ser considerado um novilho precoce, como a quantidade de dentes incisivos permanentes e de dentes de leite, espessura de gordura e pesos mínimo e máximo de carcaça.

O projeto da norma ABNT 56:001.01-001 (Novilho Precoce-Re-



PRODUÇÃO EM CONFINAMENTO

FOTO: DIVULGAÇÃO

quisitos) ficou em exposição pública por cerca de 60 dias para consultas. Ao final desse período, foi aprovada por cerca de uma centena de associações, que concordaram com as características e definições. “Agora, ela está em fase de homologação e, no prazo máximo de 30 dias, será publicada e entrará em vigor em todo o território nacional”, informa Auler Matias, diretor executivo da ABNP.

“Batalhamos por essa normativa, pois enxergamos nela uma opção séria, técnica e clara de fazer o produtor ser melhor remunerado. A normatização é uma importante ferramenta para atingir a certificação da produção. Temos de unir as fazendas certificadas para produzir carne competitiva e de qualidade, proporcionando-lhes melhor retorno econômico”, ressalta Constantino Ajimasto.

Boas Práticas Agropecuárias – Os participantes da reunião na ABNT que definiu as normas de produção do novilho precoce formaram um grupo de trabalho, responsável pela elaboração de uma nova norma, que definirá as boas

práticas agropecuárias de produção para criação do novilho precoce, tendo como bases manuais e certificações já existentes e reconhecidos internacionalmente.

Auler Matias, diretor executivo da ABNP, foi nomeado coordenador do GT (Grupo de Trabalho), composto pelos seguintes nomes: Roberto Barcelos, representante dos frigoríficos; Robert Hansson, representante de nutrição animal; Francisco Vila, economista e consultor pecuário; Virgílio Taculdino, representante do setor de softwares de gerenciamento de propriedade; Ronan Azzi, representante dos criadores; Ester Cardoso, representante da Embrapa; Catia Nogueira, representante das certificadoras; e Fábio Dias, representante dos confinadores.

“Queremos fazer uma certificação da ABNP equivalente a outras reconhecidas por sua seriedade, como a EurepGap. A idéia é criar uma norma que seja aceita inclusive no exterior e que possa ajudar o País a derrubar barreiras contra a carne brasileira”, complementa Auler Matias. **NT**

Trinca de RESPEITO



JUNTOS, SÃO PAULO, RIO DE JANEIRO E ESPÍRITO SANTO REPRESENTAM PERTO DE 50% DO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) BRASILEIRO. ESTAMOS FALANDO EM R\$ 330 BILHÕES POR ANO. A AGROPECUÁRIA INTENSIVA É UMA CARACTERÍSTICA DESSA REGIÃO. ▶

TEXTO E FOTOS:
MARCIO MINGARDO



São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo representam uma grande força produtiva do Brasil, considerando os mais importantes setores da economia nacional: indústria, comércio, serviços e agonegócio. Com contingente populacional total de 54.520.917, quase um terço da população nacional, de 186 milhões de habitantes, de acordo com números do último censo demográfico do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), os três estados representam 47,2% do PIB nacional – algo próximo de R\$ 330 bilhões/ano.

O setor de serviços aparece como principal destaque, representando 58% de toda a riqueza produzida na região. Logo atrás, vem a indústria, que movimenta 37% desse PIB. A agropecuária participa com pouco mais de 5% do total. Mas que ninguém se engane: em São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo

estão atividades fortes, intensivas e pautadas no profissionalismo.

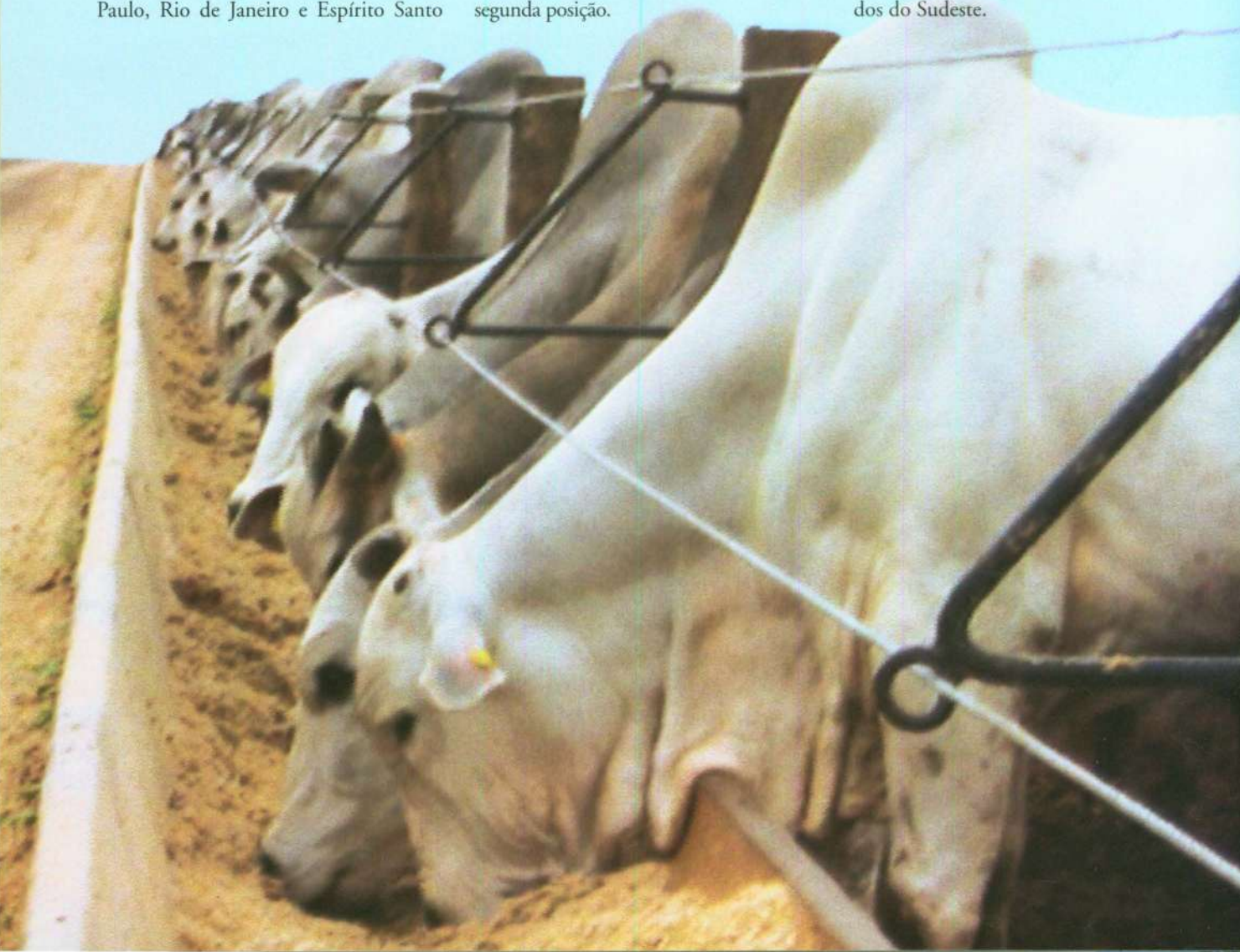
Alguns exemplos. A região é líder em cana-de-açúcar, café e laranja, três das mais importantes atividades agropecuárias do País. Os estados também são fortes em eucalipto e tem boa representatividade em produção de milho e de soja.

Outras culturas que merecem destaque são mandioca, batata, tomate, cacau, banana e amendoim, que têm produção concentrada em regiões específicas, de acordo com características de clima, topografia e mão-de-obra.

Na produção animal, a pecuária é de longe a atividade que abarca o maior número de propriedades e, conseqüentemente, que mais gera divisas. Os três rebanhos bovinos somados acumulam 16,8 milhões de cabeças (corte e leite). A avicultura (corte e postura), com 169 milhões de aves, sustenta a segunda posição.

Suinocultura e ovinocaprinocultura atravessam fase de evolução. O plantel de suínos atinge 2,4 milhões de animais, e o de ovinos e caprinos – presente com mais força no Estado de São Paulo – chega a 234 mil cabeças, com a diferença de que é uma base genética crescente. A equinocultura está presente nos três estados. Somente no Rio de Janeiro, a tropa é superior a 100 mil cavalos de diferentes raças e linhagens.

Forte em agricultura e produção animal, a região compreendida por São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo é um dos importantes pilares do setor rural no País. A Tortuga valoriza o trabalho dos produtores nesses estados, abrindo as páginas do Noticiário Tortuga para falar de projetos com alto desempenho, que exemplificam com propriedade o espírito profissional e empreendedor desses estados do Sudeste.



Tecnologia garante produtividade À FAZENDA SALTINHO

Uso de cana-de-açúcar como volumoso potencializa resultado da propriedade, Unidade Demonstrativa do Programa Boi Verde, da Tortuga, no Pontal do Paranapanema (SP).

Filho de família tradicional na pecuária de corte do interior paulista, Manoel Rainho Júnior herdou do pai, além do nome, um projeto de criação que começou com o avô, no município de Piquerobi, região do Pontal do Paranapanema (SP). O trabalho, que veio se estruturando ao longo dos anos, hoje encontra-se muito próximo do ideal em termos de eficiência e competitividade para enfrentar o advento da cana-de-açúcar, que já domina a paisagem naquela região do estado.

A Fazenda Saltinho, que integra um complexo com outras quatro propriedades, todas no extremo oeste paulista, tem sua infra-estrutura planejada para manejar o rebanho formado basicamente por animais Nelore, de modo a garantir o máximo de conforto animal, sem demandar grandes investimentos. Isso tudo serve para atender ao perfil de produção do estado de terras valorizadas, “onde a pecuária prima pela máxima utilização dos pastos no período de verão e pela utilização de algum tipo de volumoso para suprir o rebanho nos períodos de estiagem”, explica Rainho, que é engenheiro agrônomo de formação e, antes mesmo de formado, já ajudava o pai na lida do gado.

Após várias tentativas frustradas de arrendar pastos ou mesmo de fazer adubação nas suas áreas, o criador foi orientado pela equipe técnica da Tortuga a usar a cana-de-açúcar, tão farta na região, como volumoso na alimentação do gado. Rainho, que há cinco anos integra o seleto time de fazendas consideradas unidades demonstrativas do Programa Boi Verde, da Tortuga, elogia bastante a parceria com a empresa. Ele é enfático ao afirmar que se não fosse o uso da cana-de-açúcar na alimentação do gado, hoje certamente suas terras estariam arrendadas para alguma usina.

A intenção inicial era usar a cana apenas na recria de gado. Mas a atividade ganhou espaço, já ocupa área de 38 alqueires nas quatro fazendas e é utilizada para alimentar dois terços do rebanho, inclusive animais em fase de cria, que recebem porção diária de 12 quilos de cana-de-açúcar, mais suplemento mineral proteinado batido na fazenda na porção de 350 gramas/animal/dia. Já para os animais de segunda era (idade de 15 a 20 meses), a dieta diária inclui 17 quilos de cana-de-açúcar, mais 500 gramas de suplemento proteinado. Esse manejo proporciona ganho de peso entre 380 e 420 gramas/animal/dia, durante o inverno.

Esse trabalho já dura nove anos e apresenta resultados muito positivos em termos de produtividade por área. Só para se ter uma idéia, na Fazenda Saltinho a taxa de ocupação é de 1,8 UA/ha, em sistema rotacionado de pastos de *Brachiaria brizantha*, *Brachiaria decumbens* e *brachiaria MG-5*. Isso transformado em produção de carne significa desfrute anual de 32% em um rebanho de 4.670 cabeças. Os abates feitos nos últimos cinco anos ocorrem aos 32 meses para machos castrados, com peso médio de 510 quilos de peso vivo e 54% de rendimento de carcaça. Para as fêmeas jovens (novilhas), o abate é feito aos 24 meses e 350 quilos de peso vivo. Devido a essa classificação, os animais da Saltinho conseguem pagamento diferenciado nos frigoríficos que bonificam pela qualidade e peso das carcaças, além do fato de se enquadrarem na categoria de novilho precoce, carne tipo exportação. NT

CARLOS SANTOS (TORTUGA); VALDEMAR ALBERTI JR (REPRESENTAÇÕES ALBERTI S/C LTDA) E MANOEL RAINHO JÚNIOR (PRODUTOR)



Três gerações na AVICULTURA DE POSTURA

Granja Shida, comandada por Inácio Shida, neto dos fundadores da propriedade, impulsiona sua produtividade com o uso de suplementos minerais orgânicos Tortuga.

Dona de plantel avícola muitas vezes superior à sua população, a cidade de Bastos, no interior de São Paulo, não por acaso, é considerada a capital brasileira do ovo. O município, fundado em 1928 por imigrantes japoneses, ganhou este título graças à concentração de granjas avícolas que, juntas, representam 45% do plantel de aves de postura do estado (8,7 milhões de unidades) – esse número representa 15% no plantel nacional. Só para se ter uma idéia do que isso significa: são 399 galinhas para cada um dos 21.676 habitantes com residência fixa em Bastos. Esse peso é comprovado em termos econômicos, representando 70% do volume de negócios realizados na região.

É nesse contexto que a família Shida construiu uma história de muito sucesso na avicultura de postura e hoje tem sua produção de ovos comerciais exportada para diferentes regiões do País – especialmente Sudeste e Nordeste – e, também, exterior. Inácio Yoshiharu Shida, responsável pela administração da Granja Shida, representa a terceira geração de colonos e se orgulha do trabalho feito pelos avós.

Com atuação dinâmica e focada em resultados, sua administração promoveu uma verdadeira revolução na propriedade. A produção da granja modernizou-se, tendo como amparo avançadas tecnologias em equipamentos e práticas de

manejo que visam, prioritariamente, o bem-estar das aves. Isso, entende Inácio Shida, é fundamental para se produzir com qualidade.

A incessante busca por resultados produtivos e de qualidade fez nascer parcerias com empresas de insumos. A Tortuga, por exemplo, fornece toda a linha de minerais orgânicos para aves de postura utilizada na ração que abastece cada uma das oito granjas mantidas pela família. Além disso, o trabalho de assistência técnica nutricional é realizado pela equipe Tortuga que, há quatro anos, monitora o projeto. “A Granja Shida sempre buscou o que existe de melhor no mercado e os minerais da Tortuga nos oferecem a melhor relação custo/benefício para obtenção de resultados econômicos”, afirma Inácio Shida, para quem é papel do avicultor buscar a melhoria contínua da qualidade dos seus produtos.

Em relação às instalações, a Granja Shida possui estrutura digna dos melhores criatórios avícolas do País, com instalações diferenciadas e galpões preparados para abrigar as aves em cada fase do seu desenvolvimento. Nesse sentido, uma medida adotada para reduzir o estresse nas aves é a diminuição da taxa de

ocupação das gaiolas, proporcionando maior conforto. A granja conta, ainda, com um galpão com isolamento térmico para aves, em fase de cria, manejo que evita a oscilação térmica, causa freqüente de mortalidade em pintos devido à ocorrência de doenças do aparelho respiratório. “Desse modo, é possível o controle dos principais problemas que afetam as aves. Adicionalmente, contamos também com um protocolo de vacinações e a utilização do Vitagold Avícola que ajuda fortalecer o plantel contra esses males”, explica Joel Batista, responsável técnico da Granja Shida.

O sistema de arraçoamento das aves é feito por um equipamento de distribuição de ração automático, possibilitando alimentação programada por horário. “Tudo ajustado para adequar o manejo às necessidades das aves”, observa Batista. As poedeiras entram na sua vida reprodutiva por volta da 18ª semana e permanecem em produção por mais 80 semanas aproximadamente. A Granja Shida tem produção diária de 1.500 caixas de ovos (30 dúzias). **NT**

À ESQ. JOEL BATISTA (TÉCNICO) E À DIR. INÁCIO YOSHIHARU SHIDA (PRODUTOR): TRADIÇÃO COM PRODUTIVIDADE



SELEÇÃO COM RIGOR ZOOTÉCNICO

O Grupo Nelore Mocho Noroeste tem prova de ganho de peso reconhecida pela ABCZ e obtém o reconhecimento do mercado pela seriedade do seu trabalho.

A união dos criadores Luiz Antonio Setúbal, Bruno Mário Toldi e Celso Justo em torno do melhoramento genético da raça Nelore, na região noroeste do Estado de São Paulo, deu origem, no final da década de 1990, ao Grupo Nelore Mocho Noroeste, projeto de seleção com foco na produção de reprodutores comerciais para abastecer o mercado de reposição no interior paulista.

A iniciativa deu resultados rapidamente. Em pouco tempo, a parceria transcendeu sua proposta inicial e, hoje, o Mocho Noroeste é conhecido, inclusive, fora do Estado de São Paulo.

Pelo acordo entre os parceiros, cada propriedade conduz seu próprio rebanho e o trabalho de seleção funcional fica concentrado na Fazenda Santa Maria dos Coroados, em Araçatuba (SP), que mantém teste de performances pro-

ductiva e reprodutiva de animais Nelore mochos e com chifre, reconhecido pela Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ).

A prova de ganho de peso do Grupo Nelore Mocho Noroeste é, hoje, uma Unidade Demonstrativa do Programa Boi Verde, da Tortuga, devido à excelência conquistada ao longo dos anos, destaca Carlos Eduardo dos Santos, assistente técnico da Tortuga, que acompanha o projeto. “Mais de 800 animais já passaram pelo teste nos últimos nove anos”, conta Setúbal, que chama atenção para a parceria com a Unesp – campus de Ilha Solteira (SP), que já sediou a prova e continua oferecendo apoio técnico.

Os animais são testados no regime de criação a pasto (boi de capim), usando apenas o suplemento mineral (Fosbovi), durante as águas, e o suplemento proteínado (Foscromo), na seca. “Na fase final do programa, os animais recebem Fosbovi Reprodução, o que tem favorecido os resultados nos exames andrológico e de circunferência escrotal”, enfatiza Santos. No último ano, 115 animais, de 27 criatórios diferentes de Nelore, envolvendo os Estados de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Goiás, Mato Grosso e Tocantins participaram da prova de ganho de peso da Fazenda Santa Maria dos Coroados.

Os resultados da seleção do Grupo Nelore Noroeste têm o aval do Programa Nelore Brasil, da Universidade de São Paulo – campus de Ribeirão Preto, que foca o seu trabalho na busca de machos positivos para as principais DEPs (Diferenças Esperadas na Progenie), envolvendo as partes comercial e reprodutiva.

Apesar de recente, o histórico da prova de ganho de peso Grupo Nelore

Noroeste tem participações de grandes expoentes da raça, inclusive touros consagrados em pista e central de inseminação. Por exemplo, a 4ª prova, disputada em 2004, revelou Jaguarari da CV; as seguintes premiaram Canhão OB, Remador LAS e Caribe TE da Bonsucesso, respectivamente. O investimento em genética melhoradora não se concentra na prova. Recentemente, o grupo adquiriu o reprodutor Pacto SM, da Chácara Naviraí, de Cláudio Sabino Carvalho.

O Mocho Noroeste é parceiro da Tortuga desde 2000. O envolvimento consiste na análise de todos os resultados de ganho de peso, além da participação nos eventos técnicos promovidos pelo grupo. Esse trabalho envolve de forma efetiva a equipe de campo da Tortuga em palestras, seminários e simpósios durante todo o ano. Outra ação, considerada importante pelo criador, refere-se aos minicursos de capacitação técnica ministrados pelos técnicos da Tortuga, que abordam temas específicos do manejo, como técnicas de arraçamento, mineralização correta e cuidados com a saúde do rebanho, entre outros.

Além do teste de performance, a Fazenda Santa Maria dos Coroados mantém plantel próprio de 800 cabeças, sendo 250 fêmeas em reprodução. O restante é formado por animais de cria e recria mais os produtos que se destinam à comercialização. A área total é de 300 hectares, subdivididos em módulos de pastejo rotacionado. Deste total, 59 hectares são utilizados como campo de prova, áreas de formação de capim braquiária e MG-5. Além disso, a propriedade tem pastos de capim Tanzânia e Tifton 85. **NT**

LUIZ ANTÔNIO SETÚBAL,
DO MOCHO NOROESTE.
FOCO NA PRODUÇÃO COM RESULTADOS



Entidade voltada aos INTERESSES DOS PRODUTORES

Sindicato Rural de Auriflama é exemplo de competência na prestação de serviços e apoio à geração de renda dos associados.

Mesmo com a proximidade de cidades mais populosas e economicamente importantes que compõem o pólo regional de desenvolvimento do agronegócio no Noroeste Paulista, Auriflama, com apenas 14 mil habitantes, é uma agradável surpresa quando se fala em vocação rural e foco na qualidade da produção pecuária.

É nesse ambiente que há 22 anos um grupo de produtores rurais pioneiros se reuniu para criar o Sindicato Rural de Auriflama, entidade sem fins lucrativos, cuja função básica é trabalhar para o contínuo fortalecimento da cadeia produtiva. Virgílio Canovas Franco, há 16 anos no comando da entidade, é o responsável pela implantação de um modelo de gestão participativa que prioriza, acima de tudo, a prestação de serviços ao produtor.

Segundo Franco, o resultado desse trabalho reflete-se nos números do sindicato, que já soma mais de 300 sócios regulares e que movimenta R\$ 1,5 milhão, somente com a venda de ração para bovinos de corte e leite, insumo disputado, inclusive, por pecuaristas de cidades vizinhas. “O objetivo original, felizmente, foi e é preservado”, destaca o líder dos produtores, para quem, a constatação dessa filosofia está na construção da ‘Casa do Produtor’, espaço criado para servir como extensão da propriedade rural.

“Lá, os pequenos e os médios produtores encontram diversos insumos indispensáveis para tocar o seu negócio.

Tudo a preços bem abaixo dos praticados no mercado. Além disso, o sindicato disponibiliza, gratuitamente, máquinas e implementos agrícolas para serviços nas propriedades dos associados”, ressalta Virgílio Franco. A fábrica de rações ilustra bem essa prestação de serviço, já que funciona sem nenhum custo para os produtores, que ali preparam suas rações sempre que necessário.

Dando continuidade ao projeto original do sindicato, a atual diretoria firmou importantes parcerias com empresas e entidades representativas do agronegócio na região, com a finalidade de fomentar ações que estimulem os parceiros a melhorar sua produção.

“Assim, estamos contribuindo para elevar a renda e a qualidade de vida dessas famílias que sobrevivem no campo”, ressalta Juvenil Lima, diretor comercial do sindicato, que vai além e destaca a atuação da representação comercial da Tortuga, na pessoa do técnico Fernando Mafra Fazan, apontado por ele como o responsável pela geração de demanda

por suplemento mineral nas pequenas propriedades da região.

Somente nos últimos seis anos, o consumo mensal passou de 4 para 48 toneladas. “Esse volume não deve ser visto apenas como aumento nas vendas da Tortuga na região. Trata-se de um fator extremamente positivo também em termos de melhoria nos rebanhos, fruto da correta e contínua mineralização”, completa Fazan.

Outra vantagem do produtor associado ao sindicato é uma completa agenda de cursos, palestras e dias de campo. Na área de capacitação profissional e promoção social, são mais de 20 cursos anuais em beneficiamento de matérias-primas, culinária e artesanatos, entre outros temas. “Isso ajuda a elevar a confiança do produtor na qualidade dos nossos serviços”, constata Virgílio Franco. “Além disso, esse pacote tecnológico, oferecido sem custo aos parceiros do Sindicato Rural de Auriflama, tem elevado sensivelmente os índices de produtividade da bacia de corte e leite na região”, completa Franco. **NT**

VIRGÍLIO CANOVAS FRANCO
(PRESIDENTE) E JUVENIL LIMA
(DIRETOR COMERCIAL):
TRABALHO PARA OS ASSOCIADOS



Apoio técnico melhora RESULTADOS E GERA LUCRO

Sítios São Valentin e São Sebastião, de Aurifloma (SP), levam a sério a nutrição do plantel de vacas leiteiras e aumentam produtividade.

Após a decisão do produtor rural Primo Vanderlei de Angeles, de Aurifloma (SP), de dar a cada um dos filhos uma gleba de terra para administrar, os irmãos Vagner e Vanderlei De Angeles resolveram seguir a intuição e, mesmo a contragosto do pai, retomaram uma antiga idéia: criar um projeto autônomo de produção leiteira.

Vagner Oliveira De Angeles, proprietário do Sítio São Valentin, informa que, em outras épocas, o leite já esteve presente nos trabalhos da família, só que administrado pelo pai. Este, por motivos diversos, resolveu mudar o rumo do projeto e investir em outras atividades produtivas, em busca de melhor remuneração.

Vagner resolveu perseguir os seus objetivos. Primeiramente, comprou vacas leiteiras em uma liquidação de plantel em Aurifloma. Porém, a baixa qualidade genética das 31 vacas, que mantinham índices produtivos de 3,5 litros/dia, levou o criador a buscar informação técnica e, depois, avançar no melhoramento genético por meio da compra de animais de melhor desempenho. “Era fundamental adquirir vacas de alta produtividade”, diz.

Essa reviravolta no projeto do Sítio São Valentin já faz nove anos. A partir de então, a evolução é surpreendente. Sempre com recursos próprios, Vagner De Angeles renovou totalmente o seu rebanho, buscando nas melhores linhagens da raça Holandesa sêmen de touros melhoradores para o acasalamento da vacada. Sempre de olho na produtividade, a preocupação em corrigir eventuais defeitos nas matrizes promoveu um salto gigantesco nos resultados, que crescem, em média, mil litros de leite por ano.

A propriedade, de 40 hectares, tem dois terços da área ocupados por pastagem, milho e cana-de-açúcar. Estes últimos são oferecidos ao gado nos períodos críticos do ano, quando há escassez de pasto. “A divisão de pastagem é outro fator que, comprovadamente, proporciona agilidade à produção, além baratear os custos da fazenda”, explica Raul Marcos Gaspar, supervisor de vendas da Tortuga, da Unidade de Vendas de Oswaldo Cruz (SP).

Raul, que acompanha o trabalho dos irmãos De Angeles, é o responsável direto pela formulação da dieta oferecida ao

gado do Sítio São Valentin e também do Sítio São Sebastião, de Vanderlei Luciano De Angeles. “A ração faz parte do manejo alimentar do gado. Ela é estratégica, fornecida na medida exata para corrigir a falta de pasto. Dessa forma, durante oito ou nove meses do ano, a ração está presente na dieta do rebanho em percentuais que podem variar de 0 a 100%”, diz Raul.

O manejo dos animais por categoria é outro diferencial importante dos irmãos De Angeles. Essa prática está promovendo sensível melhoria no bem-estar do plantel. O pastejo rotacionado abriga, individualmente, novilhas, vacas top, vacas em término de lactação e vacas secas. Em um segundo momento, esse manejo possibilita ao produtor trabalhar também a ração de forma racional, direcionando a dieta aos animais em alta ou baixa produção.

Durante o período em que permanecem no campo, os animais recebem suplemento mineral do Programa Boi Verde, da Tortuga, para cada categoria animal. As vacas em lactação são suplementadas diariamente com Lactobovi Top, ministrado com a ração, mais Bovipasto à vontade, no cocho.

O resultado desse manejo nutricional pode ser visto na produção de leite *in natura* dos sítios São Valentin e São Sebastião. No primeiro, o volume já atinge 1.400 litros de leite/dia, com média de 24 litros/dia (58 vacas em lactação). No São Sebastião, as 43 vacas em produção produzem 950 litros/dia, com média individual de 23 litros/dia.

Outra vantagem dos irmãos De Angeles com o trabalho conjunto é a melhor negociação com fornecedores de insumos e até mesmo no momento da comercialização do leite *in natura*, já refrigerado, nos laticínios da região. Vanderlei ressalta que a assistência técnica traz uma série de vantagens práticas ao sistema de produção. Ele também chama a atenção para o acompanhamento da equipe e dos representantes de campo da Tortuga. “Hoje, é muito mais fácil produzir leite do que na época do meu pai. Ao menor sinal de problema, é só ligar para o Raul Gaspar ou para o Fernando Fazan, que eles nos fazem uma visita”, destaca. “Quando não, a orientação vem mesmo pelo telefone”, informa. **NT**

WAGNER DE ANGELES (PRODUTOR); FERNANDO M. FAZAN (FERNANDO MAFRA FAZAN & CIA S/C LTDA); RAUL MARCOS GASPAR (SUPERVISOR TORTUGA)

VANDERLEI DE ANGELES E DÉBORA COM FILHA LARISSA



Inovação, bom senso e tecnologia, OS SEGREDOS DA CM

Carlos Coelho aumenta produtividade da Agropecuária CM (Anaurilândia, MS) com versatilidade e Programa Boi Verde, da Tortuga.

As idéias inovadoras que tornaram Carlos Gonçalves Coelho um ícone para a indústria metalúrgica na fabricação de máquinas para confecção de jóias e bijuterias, estão se encarregando de diferenciar seu trabalho também na pecuária de corte, segmento em que criatividade e espírito empreendedor são atributos indispensáveis.

Desde 1986, atuando à frente da Agropecuária CM, com sede em Anaurilândia (MS), quase na divisa com o Estado de São Paulo, Carlos Coelho mantém projeto de engorda e terminação de bovinos em regime de pasto, que tem na versatilidade um ponto forte. Todo o conhecimento acumulado ao longo de sua vida nas áreas de mecânica, elétrica e hidráulica, são subsídios às inovações desse empreendedor, que conta com naturalidade como produziu seus próprios implementos agrícolas.

O subsolador usado na reforma das áreas de pastagem e a bomba usada na captação da água que abastece os cochos, sem falar na construção dos gabaritos usados na construção de peças pré-fabricadas, são algumas de suas invenções. Ele ressalta que muitas das suas novidades servem para transformar o trabalho artesanal realizado nas fazendas. Porém, tudo com a preocupação de sempre trazer o melhor retorno financeiro ao negócio.

Logo que assumiu a Agropecuária CM, localizada em região de solos arenosos com baixo poder de agregação dos nutrientes, Carlos Coelho enfrentou a

degradação dos pastos. Com manejo preservacionista, feito com curvas de nível, mínima remoção do solo e subsolagem a profundidades maiores que as usadas no manejo convencional de pastagens, o produtor obteve rebrota vigorosa do capim, mesmo com a ocupação continua das áreas. O sistema de pastejo rotacionado é utilizado intensivamente, recebendo lotações de 150 a 200 cabeças, por períodos de até uma semana.

Antes de iniciar esse manejo, os números da fazenda mostravam desfrute médio de 20%, com 350 abates/ano em plantel total de 1.200 cabeças. “Na última contagem, verificou-se que na fazenda havia 1.800 bois e a impressão de que há pasto sobrando ainda é muito grande”, diz Coelho. Na conta feita pelo supervisor técnico da Tortuga, Raul Marcos Gaspar, responsável pela nutrição do projeto, mesmo que a lotação da fazenda chegue a 2.500 animais, com abate de 1.400 cabeças/ano (55% de desfrute), a sobra de pasto ainda será grande. “Essa realidade deve-se ao fato de a formação das áreas de pasto estar entre as prioridades da propriedade”, diz.

Para garantir disponibilidade de alimentação durante as altas lotações do inverno, quando o plantel ultrapassa 3.000 cabeças, a fazenda mantém área plantada

com cana-de-açúcar, usada como volumoso estratégico. Entretanto, Carlos Coelho faz questão de ressaltar que, na lotação atual, os pastos de *Brachiaria decumbens*, *Brachiaria brizantha* e *Brachiaria humidicola* dão conta do recado.

A suplementação mineral é feita com produtos do Programa Boi Verde, da Tortuga, especificamente Foschromo (animais de recría), Fosbovi 20, para a fase de engorda até 450 kg, e Fosbovi Engorda, para terminação – entre 530 kg e 540 kg (17,6@ e 18@, respectivamente). Para diminuir a carga sobre as pastagens, o pecuarista pretende adquirir garrotes entre 16 e 18 meses mais pesados. Com isso, ele espera aumentar o giro de animais abatidos acima dos 570 kg (19@), sem grandes mudanças no estande forrageiro da fazenda.

Esse acompanhamento é possível porque todos os animais são medidos regularmente. O objetivo é comprovar ou não a eficiência do manejo. No último ano, a Agropecuária CM começou a utilizar o suplemento mineral Protéico 45, da Tortuga. Com isso, conseguiu reduzir a terminação em 100 dias, obtendo média de ganho de peso na seca de 400 gramas/animal/dia. Durante as águas, quando o manejo é feito a pasto com suplemento mineral, esse ganho sobe para 750 gramas/animal/dia, em média. **NT**



RAUL MARCOS GASPAR (SUPERVISOR TORTUGA); CARLOS GONÇALVES COELHO (PRODUTOR) E LUIZ CARLOS DONATTI (DONATTI & CIA. LTDA-ME)

Qualidade de carne e PADRONIZAÇÃO DOS ANIMAIS

Frigorífico Bertin firma parceria com a Tortuga para intensificar os resultados produtivos e econômicos dos seus confinamentos.

O Brasil já representa cerca de 30% do comércio mundial de carne bovina. E é o único país do mundo com potencial para ampliar ainda mais sua participação no bolo. Porém, está provado que, para crescer, é preciso oferecer produtos de qualidade. Essa constatação leva o Grupo Bertin a olhar com muita atenção para suas unidades de confinamento de Guaciara (SP) e Aruanã (GO) – este, o maior confinamento do País, com capacidade para 55 mil cabeças por ciclo – e também para os seus fornecedores de gado.

“Como frigorífico, temos de fazer a lição de casa e cuidar para termos o animal adequado para as nossas necessidades e, mais do que isso, que forneça carne com a qualidade que o consumidor quer”, explica o zootecnista Daniel

Furquim Machado, responsável técnico do Programa de Qualidade do Bertin.

É nessa estratégia que entra a parceria firmada pela empresa com a Tortuga para o fornecimento de suplementação mineral para os seus confinamentos. “Para a Tortuga é uma satisfação ter um grupo tão exigente como o Bertin como cliente. É um desafio, mas também a certeza de que oferecemos insumos de alta qualidade, que comprovadamente melhoram os resultados produtivos do gado confinado”, assinala Marcos Sampaio Baruselli, coordenador de confinamento da Tortuga.

Ao mesmo tempo em que cuida para terminar animais de excelente genética, precoces, pesados, com ótimo rendimento de carcaça e carne padrão internacional, o Bertin – cuja capacidade diária de

abate supera as 10 mil cabeças – busca no mercado parceiros que tenham o mesmo compromisso. E, para isso, compromete-se a premiar esses animais. “O Bertin já incorporou a necessidade de pagar diferencial por qualidade”, ressalta Daniel Furquim.

O zootecnista reconhece que o pecuarista brasileiro investe cada vez mais na produção de bovinos padronizados e de melhor conformação. Porém, ainda há espaço para aumentar. “Ainda há quem insista na produção de peso. Mas é preciso olhar a cadeia como um todo, identificando primeiro a necessidade do consumidor. E ele quer carne macia, suculenta. Para chegar a esse produto, é preciso que a matéria-prima seja diferenciada”, enfatiza Furquim, palestrante do I Simpósio Tortuga de Confinamento, etapa de Araçatuba (SP).

“Temos de trabalhar, juntos, para reduzir a distância ainda existente entre a seleção, a produção propriamente dita e o mercado comprador. O Brasil tem tremendo potencial na pecuária de corte e precisamos avançar em qualidade e padronização para ganhar espaço”, entende Daniel Furquim, lembrando que o frigorífico pode ser entendido como uma linha de desmontagem, que depende, fundamentalmente, da qualidade da matéria-prima. “Há 162 possíveis classificações de animais nos frigoríficos e mais de 2.400 possíveis produtos finais. E tudo começa com o gado enviado ao abate”, diz.

Nesse sentido, o Bertin procura fortalecer parcerias com os fornecedores, levando essa mensagem, e, por outro lado, busca o melhor resultado (econômico e produtivo) dos seus confinamentos, motivo pelo qual passou a utilizar a linha de confinamento da Tortuga. “Bertin e Tortuga são empresas com os mesmos objetivos e buscam incansavelmente a qualidade”, retoma Daniel Furquim. **NT**



“BERTIN BUSCA QUALIDADE DE CARNE”, DIZ FURQUIM

Serramar obtém alta produtividade EM REGIME DE PASTO

Fazenda localizada em Caraguatatuba (SP) aproveita muito bem as áreas de pastagens, obtém ganhos de 750 gramas/animal/dia e já pensa em exportar gado em pé.

A história da família Penido na pecuária teve início há mais de meio século pelas mãos do empresário Pelerson Tavares Penido, que comprou sua primeira fazenda, na região de Santa Isabel (SP), para produzir leite. A visão empreendedora sempre foi fundamental para a evolução do projeto, que começou produzindo em sistema semi-extensivo. A venda dos machos para o abate, por exemplo, fornecia renda extra à propriedade, que contava com orçamento apertado.

Na seqüência, por volta de 1970, os Penido adquiriram outras duas propriedades: a Serramar, em Caraguatatuba, litoral norte de São Paulo, e uma em Querência (MT). A fazenda do interior paulista, durante um longo período, foi direcionada à produção leiteira, chegando a produzir 32 mil litros/dia. Essa realidade só foi alterada após sucessivas crises vividas pela atividade, fato que levou a família a decidir pela liquidação do plantel leiteiro, adaptando a fazenda para receber gado de corte.

Isso aconteceu na virada do século, momento em que se iniciou uma nova era para a pecuária da família Penido,

cujo plantel já somava seis mil cabeças. A estrutura profissional do empreendimento contribuiu para a rápida intensificação do sistema produtivo, que precisou de apenas alguns ajustes para comportar a taxa de lotação atual de 3,5 UA/ha/ano. Na parte agrônômica, por exemplo, o trabalho envolveu a divisão maior das áreas de pasto, subdivididas em 60 piquetes de cinco hectares cada, que recebem adubações e reformas anuais.

A divisão dos pastos é feita por setores para garantir a eficiência do pastejo. Por exemplo: a alimentação na fase de cria envolve, além do leite materno e de Fosbovinho (*creep-feeding*), pasto formado em áreas de várzea ou capão de serra, também usado para suprir as necessidades das fêmeas paridas. “Outro retiro da fazenda, chamado de ‘Pirassununga’, com pastos maiores, abriga a recria de animais crioulos e a desmama de terceiros. Já o módulo usado na engorda e terminação tem divisão maior justamente para intensificar a produção de carne”, explica o gerente José Victor Rodrigues.

A fazenda tem área total de 5,8 mil hectares, dois terços dos quais ocupados com diversas espécies de capim, desde os tangola e angola até áreas de formação de mombaça, tanzânia e braquiária. “Como a fazenda Serramar faz um trabalho diferenciado em produção de forragem, com adubações e reformas de pasto, a suplementação funciona como manejo estratégico para suprir as carências de macro e microminerais comuns nas pastagens”, observa Marcelo Marteleto, supervisor técnico de vendas da Tortuga.

**ABATE DE
4.500 ANIMAIS/
ANO COM 17,5
ARROBAS**

O excelente regime de chuvas proporciona ganhos médios na casa dos 750 gramas/animal/dia. Com essa produtividade, o criador Matheus Lopes Ribeiro Penido fala com orgulho do projeto que ajudou a estruturar e que, hoje, abate por volta de 4.500 animais/ano, com idade média de 36 meses e peso de 17,5 arrobas. “Nos últimos abates realizados pela Serramar, praticamente 100% das carcaças atingiram padrão tipo exportação”, destaca o pecuarista, que já pensa até em certificar sua produção com o selo Eurepgap e, com isso, atingir novos mercados.

Matheus Penido ressalta que a logística também foi importante para o investimento na Serramar em pecuária. “A proximidade com o porto de São Sebastião, um dos principais do Estado de São Paulo e o único que proporciona exportação de gado em pé, contribui para a propriedade ampliar suas bases de mercado, incluindo, no roteiro de vendas, clientes europeus e de países asiáticos e do Oriente Médio, que importam animais vivos”, informa o criador. **NT**

MATHEUS (FAZENDA SERRAMAR);
ARLINDO (OLIVEIRA SOUZA REP.COM. S/C LTDA.);
JOSÉ VITOR (FAZENDA SERRAMAR).



TOURINHOS COMERCIAIS COM GRIFE

Granja Moretto destaca-se na produção de machos para reprodução em regime de pasto, aliando genética de qualidade com manejo simples e rusticidade.

A história construída sobre o rigoroso universo da seleção genética, primeiro do Nelore e mais tarde da raça Simbrasil, dá ao empresário Jair Aparecido Moretto, proprietário da Granja Moretto (Botucatu, SP), o know-how para produzir tourinhos comerciais de alta qualidade no interior paulista. O sucesso do projeto decorre do uso de cruzamentos que envolvem diferentes graus de sangue. “A finalidade aqui é obter animais adaptados, que possam servir bem a diferentes situações de clima e condições de manejo”, destaca Giovani de Lima Moretto, administrador do projeto de pecuária da Granja Moretto.

Giovani informa que o objetivo é obter machos para cria em regime de pasto que resistam bem aos diferentes sistemas de criação de clima tropical. Sendo assim, desde o início a escolha por indivíduos de melhor rendimento é prioridade nos testes de performance realizados na propriedade. “Além disso, a seleção prioriza a fertilidade dos reprodutores, que precisam não somente cobrir bem, mais emprenhar o maior número de matrizes no menor tempo possível”, ressalta Moretto. “A fazenda se vale do que existe de mais

moderno em tecnologias para reprodução animal, buscando no manejo o diferencial para obter seus resultados”, completa.

O rebanho atual, de cerca de 1.400 cabeças, tem direcionamento especial para a recria, prática que está sendo intensificada com a finalidade de encurtar o ciclo de produção. Com isso, os Moretto esperam aumentar o giro de animais na fazenda, que tem na venda de tourinhos comerciais a mais importante fonte de receita. Todos os anos, cerca de 30 machos de cruzamento industrial são comercializados, inclusive para fora do estado.

Uma vantagem competitiva da intensificação da recria é o aumento do número de animais de uma mesma geração que entram no confinamento ao mesmo tempo. Isso acontece porque o trato diferenciado eleva o peso dos garrotes que tiveram rendimento abaixo do esperado na desmama, aproximando-os dos animais que tiveram melhor conversão.

Outra característica do trabalho de seleção da Granja Moretto é a utilização de fêmeas meio-sangue Simental. A habilidade materna desses animais favorece a desmama das crias, que acontece aos sete

meses e meio, com peso médio de 280 kg. De acordo com Giovani Moretto, alguns indivíduos chegam ao final dessa fase, pesando até 10 arrobas, resultado extremamente positivo na avaliação do zootecnista e técnico de campo da Tortuga, Aydison Nogueira, assistente técnico da Tortuga.

Experimentos feitos na propriedade, na segunda metade de 2006, avaliaram lotes de animais consumindo dietas à base de pasto e suplemento proteínado (Foscromo seca). O resultado foi não apenas a manutenção do peso dos animais durante todo o período, mas a obtenção de ganhos médios de 400 gramas/cabeça/dia.

Hoje a Granja Moretto fecha no confinamento perto de 280 machos e 100 fêmeas, a partir do nascimento de 470 bezerros/ano. As melhores fêmeas são incorporadas ao plantel de seleção e outra parte é vendida como receptoras no mercado. Os números obtidos no confinamento são bastante interessantes: os animais entram com 400 kg de peso médio e saem com 18 arrobas após até 100 dias. Todos são animais jovens (entre 20 e 24 meses), classificados como novilhos precoces. “Esse trabalho ainda está no começo e, agora em 2007, estamos preparando uma importante mudança na estrutura, que deve dobrar a lotação atual, mantendo a média de ganho de peso em torno de 1,3 kg/animal/dia”, informa Giovani Moretto.

A Granja Moretto é parceira da Tortuga. E esse relacionamento comercial evolui rapidamente, incluindo o uso de diversos produtos do Projeto Boi Verde. “Avicultores tradicionais, os Moretto sabem valorizar e se preocupam com o trabalho de assistência técnica. E isso para nós é muito gratificante”, explica Aydison Nogueira. “A Tortuga é a primeira empresa de nutrição para bovinos que oferece essa prestação de serviços, envolvendo a parte técnica, informações importantes sobre mercado, preços de insumos e muito mais”, completa Moretto. **NT**



MARCELO MARTELETO (SUPERVISOR TORTUGA); GIOVANI DE LIMA MORETTO (PRODUTOR); AYDISON NOGUEIRA (TÉCNICO TORTUGA) E JOÃO CHAVARI (CHAVARI & CHAVARI COM. REP. LTDA-ME)

De volta às raízes NA PECUÁRIA

Agropecuária ACL, de Matão (SP), realiza o caminho inverso de volta à pecuária e dá exemplo de que atividade conduzida de forma eficiente pode, sim, proporcionar boa rentabilidade.

Após um longo período de arrendamento para o plantio da cana-de-açúcar, a Fazenda Nova Delhi, propriedade que integra o projeto pecuário da Agropecuária ACL, em Araraquara (SP), retoma sua antiga vocação de pecuária de corte. O projeto original, idealizado pelo empresário Felix Urquiza, no final da década de 60, recentemente teve a administração passada aos dois filhos.

A parte que compreende duas fazendas no interior de São Paulo passou para a filha mais nova, empresária Ângela Urquiza, responsável pela retomada do projeto de pecuária na Nova Delhi, informa Gualtiero Cicogna, o "Nego", que trabalha com a família desde 1994, época em que assumiu a gerência da pecuária de corte do grupo.

A paisagem ainda mostra a área ao redor da sede tomada pela cana-de-açúcar, mas em breve esse cenário sofrerá mudança radical, afirma Nego, que adianta os planos de Ângela de refazer toda a estrutura da fazenda. O plantel da Nova Delhi, hoje modesto, deverá ganhar escala. O objetivo é trabalhar com ciclo completo: cria, recria e engorda de animais, em regime de campo.

Outra vertente do trabalho da Agropecuária ACL é desenvolvida na Fazenda N.S. Aparecida, em Agudos, onde há recria e engorda, que termina 1 mil bois gordos/ano em regime de pastagem e suplemento mineral. Nego observa que o planejamento, já para 2007, é dobrar essa produção. Com projeto de confinamento iniciado em 2004, e que vai fechar mais 1 mil bois, espera-se atingir abate superior a 2 mil cabeças, divididas em dois ciclos anuais.

O período de confinamento será de no máximo 80 dias, sendo 10 de adaptação e o restante de dieta balanceada à base de volumoso de cana-de-açúcar, milho e Fôsovi Confinamento 10, informa João Francisco Gasparino, supervisor de vendas da Tortuga. Com esse trato, o ganho de peso médio atinge 1.300 gramas/animal/dia, divididos em lotes de 200 animais. O rebanho é formado de machos Nelore e produtos de cruzamento industrial. Os cruzados chegam à condição de abate entre 26 e 30 meses, com peso médio de 17,5 arrobas e rendimento de carcaça entre 53% e 55%. O Nelore é abatido com, no máximo, 32 meses de idade, pesando 17 arrobas e rendimento de até 53%.

O manejo das fêmeas é um pouco diferente, totalizando apenas 50 dias de confinamento e ganhos médios 1,050 kg/animal/dia. Um fato que chamou a atenção dos técnicos da Tortuga, durante o último abate de fêmeas, foi o acabamento frigorífico das carcaças e a cobertura de gordura.

Esses resultados são o fruto de dez anos de trabalho da Agropecuária ACL, sempre investindo em tecnologias e capacitação técnica, como a participação de Nego no I Simpósio Tortuga de Confinamento, em Araçatuba (SP). "A Tortuga sempre oferece oportunidades importantes, como palestras e cursos na fazenda para os peões", destaca Nego. "Isso é parceria", diz. **NT**

GUALTIERO CICOGNA (GERENTE);
PEDRO CORSI (FUNCIONÁRIO FAZ. NOVA DELHI)



Gado pesado, precoce e COM RENDIMENTO DE CARÇAÇA

Família Bergamini deve produzir 5 mil novilhos precoces, abastecendo as redes de varejo do grupo com animais de qualidade superior.

Empresário do segmento supermercadista, Domingos Felipe Bergamini representa a primeira geração de pecuaristas da família, trabalho que começou nos idos da década de 1980, e que até hoje mantém a proposta original de produzir carne de qualidade para abastecer os açougues do grupo Bergamais. Desde que foi adquirida pelos Bergamini, a Fazenda Samambaia, em Pardinho (SP), tem seu trabalho direcionado para a recria, engorda e terminação de bovinos em regime de pasto, com confinamento estratégico para garantir a produção de boi gordo, mesmo na entressafra.

O sistema de criação semi-extensiva ocupa 1.600 hectares, divididos em 30 piquetes, onde ficam acomodados os animais em regime de rotação de pastagem. Para equacionar um problema histórico da região, que sofre com falta de pasto em decorrência dos longos e severos períodos de estiagem, a saída foi adotar as adubações de pastagem como manejo para garantir rebrota mais vigorosa do capim. A estratégia deu tão certo que os resultados

estão muito acima do esperado, destaca o médico veterinário Felipe de Paula Martins Bergamini, responsável pela propriedade, que já pensa até em aumentar o giro de animais devido à sobra de pasto observada em alguns pontos da fazenda.

Como a reposição é feita de forma constante, o criador também é obrigado a adquirir animais de fornecedores de fora de São Paulo. “A procura é sempre por um gado mais erado, com idade já próxima dos dois anos e peso médio de 350 quilos”, comenta Felipe Bergamini. Essa dificuldade para encontrar reposição de qualidade está levando o jovem pecuarista a pensar em produzir sua própria desmama. Para isso, ele está formando plantel de matrizes, que rapidamente deve atingir 400 cabeças. Acompanhando as últimas tendências em tecnologias para reprodução animal, a propriedade pensa em usar a Inseminação Artificial em Tempo Fixo (IATF) como forma de sincronizar os nascimentos.

O objetivo é o giro rápido dos animais, mas dentro de parâmetros zootécnicos adequados. Felipe explica que essa preocu-

pação começa assim que o gado chega no embarcadouro. Imediatamente, ele é vacinado e vermifugado, antes de seguir para os pastos destinados à recria, onde permanecerá até atingir entre 420 e 450 quilos. Dali, os garrotes seguem diretamente para a terminação, também feita em regime de pasto, só que em áreas de melhor qualidade, até atingir cerca de 18 arrobas de peso e conformação frigorífica.

O tempo de permanência dos animais na propriedade é o menor possível. Porém, sempre respeitando a fisiologia das pastagens. Durante o verão, quando a rebrota é melhor, esse tempo médio é de 120 dias, entre a chegada e a saída para o abate. Toda semana saem para o frigorífico entre 80 e 120 cabeças – esse regime mantém-se por todo o período das águas.

No ano passado, a fazenda iniciou novo investimento, objetivando aumentar a capacidade de abate para 400 cabeças/mês – cerca de 5 mil cabeças no ano. Para atingir tal objetivo, a infra-estrutura está sendo modificada, com a construção de um galpão de grande capacidade para depósito das matérias-primas, usadas no arraçamento do gado. Além disso, uma área próxima à sede, onde funcionava uma antiga pista de aviação da fazenda, está recebendo estrutura nova de cochos e bebedouros para abrigar os futuros hospedes. Adicionalmente, os Bergamini analisam a criação de uma marca comercial para identificar os produtos da Samambaia.

Felipe Bergamini fala com satisfação da parceria da família com a Tortuga, que já dura várias décadas e que ele aprendeu a valorizar com o passar dos anos. “Como líder de mercado, a Tortuga adequou-se à nova realidade da pecuária, que exige acompanhamento técnico periódico nas fazendas”, destaca Aydison Nogueira, assistente técnico da empresa. “Os resultados estão aí, para os dois lados”, sentencia o criador. **NT**

FELIPE DE PAULA MARTINS BERGAMINI
(PRODUTOR) AO LADO AYDISON
NOGUEIRA (TÉCNICO TORTUGA)



Produção de leite COM COMPETÊNCIA

Fazenda Germânia produz sete mil litros/dia e quer elevar média por vaca para 30 l. Infra-estrutura está pronta e a alimentação merece atenção especial.

Atividade complementar ao cultivo da cana-de-açúcar e até a pecuária de corte de recria e engorda na Fazenda Germânia (Taiacu, SP), a pecuária leiteira começou em 1988, quando chegou o primeiro lote de matrizes Girolando.

Com a venda de uma antiga propriedade da família, com 1.700 alqueires em Goiás, o produtor Antonio Vital fez investimentos na Germânia, que passou a ser administrada também pelos três filhos. “Em outra época, chegamos a tirar 3 mil litros de leite/dia, com ordenha manual, sistema que despendia muito tempo e esforço do pessoal”, lembra Maurício Vital, responsável pela verdadeira revolução no sistema de produção leiteira da fazenda.

Ao longo dos últimos anos, o projeto foi incorporando modernas tecnologias em produtos e técnicas de manejo, que elevaram a produção de 100 litros para 7 mil litros de leite in natura/dia. Para que isso fosse possível, foram necessários pesados investimentos na estrutura para acomodação do rebanho, melhoramento genético e, principalmente, alimentação.

Maurício brinca que a Germânia é uma fazenda dentro de outra. Ele faz questão de destacar a participação do pai como diferencial na condução do negócio.

Há 18 anos à frente da administração da fazenda, Maurício usa todo o conhecimento como médico veterinário mais os inúmeros cursos sobre produção leiteira para pensar o projeto a longo prazo. Sua maior preocupação, hoje, não é a composição sanguínea do plantel (vacas 3/4, 7/8 e 16/15 Holandês x Girolando), que oferece bom retorno em produção. Ao todo, são 320 vacas em lactação, com média individual de 22 litros/dia. “A meta é atingir a média de 30 litros de leite vaca/dia, ao longo dos 300 dias de lactação”, ressalta o produtor. Para atingir esse objetivo, foi instalado um novo sistema de ordenha automática, para 90 vacas/hora e dois tanques de resfriamento, com capacidade para 17 mil litros de leite.

Estrutura pronta, a maior preocupação na Fazenda Germânia recai, hoje, sobre a alimentação do rebanho. A propriedade conta com dois silos, para 1 mil toneladas cada, abastecidos com silagem

de milho, importante ingrediente na dieta do plantel. O complemento da ração é feito com farelo de amendoim, gérmen de milho, cevada úmida, polpa cítrica, mais o suplemento mineral da Tortuga. “Essa talvez não seja a melhor dieta para outras fazendas. Mas para a realidade da Germânia funciona muito bem”, afirma Vital.

O envolvimento da Tortuga no negócio de leite da família Vital começou a partir da necessidade de reduzir a contagem de células somáticas do leite da Germânia. A partir de avaliações técnicas realizadas por Paulo Francisco, da Tortuga, não só esse problema foi sanado, como foi possível efetuar planejamento mais detalhado das carências de vitaminas e suplementos minerais do plantel, minimizando outras adversidades, como a retenção de placenta, por exemplo.

Outra mudança conseguida foi a drástica redução de impurezas (contagem bacteriana). Tudo isso garante bonificação de R\$ 0,03/litro no preço pago pelo laticínio valor que representa ganho extra de R\$ 6 mil reais no mês.

Maurício Vital ressalta a preocupação constante com a contratação e a manutenção da mão-de-obra da fazenda. Por exemplo, a equipe que cuida da bezerrada é formada somente por mulheres, mais sensíveis para lidar com os animais recém-nascidos, além de preferirem essa tarefa. Esse formato já rendeu até premiação do Projeto Ético, da Unesp – Campus de Jaboticabal, que reconheceu o talento delas para lidar com as crias. Os homens também podem opinar e se encaixar nas tarefas que preferirem. “É muito importante que todos estejam motivados a trabalhar. E é papel do empregador entender essa adequação”, observa Maurício Vital, que adota modelo participativo dos funcionários. **NT**



JOÃO GASPARINO (SUPERVISOR TORTUGA)
MAURÍCIO VITAL (PRODUTOR)
FERNANDO D. PASQUINI (PASQUINI &
GARDENGHI S/C LTDA)

De olho nas pistas e NA SELEÇÃO APURADA DO NELORE

Estância São Pedro, em Barretos (SP), monta base genética diferenciada e intensifica seu projeto de melhoramento de olho nas pistas e leilões elite.

A fim de diversificar sua atuação no agropêlo, o experiente empresário do setor sucroalcooleiro Luiz A. de Andrade iniciou projeto de seleção genética na pecuária, primeiramente da raça Simental e, depois, de Nelore. Situada às margens da rodovia que dá acesso a Barretos, região Noroeste do Estado de São Paulo, a Estância São Pedro foi o local escolhido para acomodar o empreendimento, devido à localização privilegiada e também por ter terras férteis, ideais para pastagens.

Essa característica, aliás, levou Andrade a direcionar o seu projeto de cria em regime de pasto, em área de 100 hectares com capim Tifton 85. Apenas o plantel de fêmeas doadoras e alguns reprodutores recebem trato diferenciado na baía. “Esse gado representa a cabeceira da seleção da Estância São Pedro. São animais diferenciados, de excelente padrão genético, filhos e filhas de grandes expoentes do Nelore contemporâneo”, destaca o

responsável técnico Paulo Marega.

O início do negócio data de 2003, com a chegada dos primeiros exemplares Nelore, vindos de importantes selecionadores nas regiões Sul e Sudeste, caso da Fazenda Cachoeira 2C, Fazenda Brumado, Grupo Nelore VR, J. Galera, Jaime Miranda e Baluarte, que têm história de sucesso na seleção do Nelore, comenta o experiente administrador, assinalando que, em 2007, começa a participação efetiva da São Pedro nas pistas de julgamento da raça.

O objetivo da entrada nas pistas, explica Marega, é trazer maior visibilidade ao plantel de doadoras e reprodutores da fazenda, além de servir como vitrine para outro importante segmento do projeto: a venda de tourinhos comerciais para rebanhos de produção. Consciente do seu papel na pecuária, o administrador fala que, a partir do momento em que a Estância São Pedro começar sua trajetória nas pistas e nos leilões da raça Nelore, o

rigor na seleção aumentará, e muito. Ele destaca que a primeira fase do trabalho de seleção, envolvendo a produção em escala de machos e fêmeas de qualidade, está chegando ao fim. “Daqui em diante, os descartes serão bem mais numerosos para que permaneçam na fazenda apenas os melhores indivíduos”, completa Marega.

Por conta disso, o plantel atual de 1.300 cabeças aproximadamente, deverá sofrer redução significativa ainda este ano. “Das atuais 700 matrizes Nelore, apenas 200 devem permanecer no plantel”, informa Paulo Marega. No rebanho elite, essa seleção é ainda mais rigorosa – somente 30 fêmeas serão eleitas doadoras. O mesmo vai acontecer com os machos, que aparecem em número bem menor no rebanho.

Para dar sustentação à seleção, a fazenda passa por ajustes no seu estande forrageiro, com adubações periódicas para comportar as altas lotações de até 12 UA/hectare.

A área de 100 hectares é toda dividida em piquetes. Os pastos melhores formam 14 piquetes de 5 mil metros quadrados, onde ficam as 200 matrizes Nelore PO que também recebem suplementação mineral dos produtos da Linha Boi Verde, da Tortuga. O plantel de cocheira da São Pedro recebe trato diferenciado, que inclui silagem de milho e concentrado, com 18% de proteína, oferecido na proporção de 1% do peso vivo, em dois tratamentos diários. “A nutrição é toda planejada pela equipe técnica da Tortuga, que nos visita regularmente, corrigindo problemas de formulação e consumo”, destaca Marega.

Em outra área da fazenda destinada ao gado de campo da São Pedro, o sistema é de pastos rotacionados divididos em 60 piquetes de 25 mil metros quadrados cada. Essas áreas recebem a adubação convencional, mais uma outra dosagem de torta de filtro - gerada no processo de beneficiamento da cana-de-açúcar dentro da usina - apontada como um excelente adubo orgânico para as pastagens. **NT**

(DIR. PARA ESQ.) CARLOS AUGUSTO DE ANDRADE (PRODUTOR); HELENA PROFETA (ESPOSA); PAULO MAREGA (DIR. TÉCNICO); JOÃO GASPARINO (SUPERVISOR TORTUGA); ARMANDO CASTANHEIRA FILHO (ACF REPRESENTAÇÕES LTDA)



Sim, o leite é rentável EM SÃO PAULO

Fazenda Petrópolis faz a lição de casa: cuida da alimentação, investe em genética e busca a qualidade. Como resultado, é premiada com remuneração diferenciada.



FERNANDO ALVES RIBEIRO
(GERENTE DA FAZ. PETRÓPOLIS) E
JOÃO GASPARINO (TORTUGA)

Empresários tradicionais do pólo calçadista de Franca (SP), os irmãos Carlos e Renato de Paula partiram para a diversificação dos negócios da família, iniciando, no final da década de 1990, uma nova jornada como produtores rurais: primeiro, com fazendas de café e, mais tarde, na suinocultura e pecuária de leite.

Na verdade, a Fazenda Petrópolis é continuidade de um projeto de leite iniciado anos antes, na Fazenda Boa Esperança, no município vizinho de Restinga (SP). Em 1992, o projeto foi transferido para a nova sede, com a finalidade de ampliar e profissionalizar a atuação na atividade leiteira.

Fernando Alves Ribeiro, gerente das fazendas do grupo, ressalta que a necessidade de aumentar a produção deveu-se ao achatamento nas margens de lucro da atividade, que obrigou os produtores a ser ainda mais eficientes. “De modo geral, o produtor de leite profissional intensifica

o seu sistema investindo na estrutura de confinamento do gado e no uso de dietas balanceadas”, comenta Ribeiro.

A Petrópolis mantém plantel de 740 fêmeas Holandesas PO, sendo que 320 estão em lactação. A meta é estabilizar em 400 vacas em produção, com média individual de 30 litros/dia. Fernando acredita que em dois ou três anos a coleta deverá atingir 15 mil litros por dia. “Em 2006, fechamos com 10 mil litros de leite *in natural*/dia”, informa.

O pulo do gato para elevar a produtividade da Petrópolis foi, sem dúvida, os avanços na nutrição do gado. A partir de parceria com a Tortuga, o plantel ganhou dieta específica à base de milho, polpa cítrica, caroço de algodão e feno de coast-cross. O responsável pelas mudanças é o médico veterinário e técnico de campo Paulo Francisco, que faz visitas periódicas à fazenda. A mineralização é feita com produtos Tortuga, em todas as categorias. “Nossa confiança no pessoal de campo da Tortuga é total, tanto que a empresa cuida da dieta e nos auxilia a projetar as metas futuras”, informa Fernando Ribeiro.

Essa preocupação com a base proporciona resultados econômicos diferenciados. O leite da Petrópolis consegue classificação diferenciada no laticínio por dois fatores: primeiro, por ser o maior fornecedor da cooperativa; e segundo, por conta dos baixíssimos níveis de impurezas no leite.

Nesse sentido, merece destaque outra medida adotada para garantir a qualidade do produto final. A Petrópolis é parceira da Clínica do Leite, da Esalq, de Piracicaba (SP). “Em tempos de mercado difícil, é fundamental que os produtores tenham diferenciação. A Petrópolis conta com apoio da Tortuga porque entende a necessidade de ter alimentação correta e balanceada; e trabalha com a Clínica do Leite para não descuidar da qualidade”, explica Fernando Ribeiro. **NT**

FAZENDA PETRÓPOLIS: PRODUÇÃO
DE LEITE EM SISTEMA INTENSIVO



Grupo Heringer VEM COM FORÇA TOTAL

No planejamento da Fazenda Paraíso, está a participação nas exposições ranqueadas da raça Nelore. E os objetivos são arrojados.

A diferenciação é uma característica toda especial da Fazenda Paraíso, propriedade do Grupo Heringer, de Vila Velha (ES). Isso porque os objetivos do projeto vão além dos resultados comerciais. Paralelamente à rotina rígida da seleção do plantel Nelore PO, o criatório mantém destacada participação na cadeia de produção de carne bovina capixaba.

O experiente empresário Dalton Dias Heringer acompanha de perto a evolução do projeto, que começa agora uma nova fase no melhoramento genético do gado PO. A fase anterior envolveu sólidos investimentos na aquisição de animais de qualidade para melhorar o plantel, iniciativa que proporciona redução da idade de abate dos produtos para corte, com sensível melhoria na classificação das carcaças. Esse trabalho já rendeu ganhos importantes, como a conquista, por dois anos seguidos, das primeiras colocações na etapa do Circuito Boi Verde de Julgamento de Carcaças, iniciativa da Asso-

ciação dos Criadores de Nelore do Brasil com patrocínio da Tortuga.

A obtenção desses resultados motivou Dalton Heringer a montar um rebanho Nelore elite com a dupla finalidade de melhorar gradativamente a criação e investir em um segmento ainda pouco explorado na região, que envolve a comercialização de reprodutores de padrão genético diferenciado. "Para formar uma base para cruzamentos, o caminho foi viajar pelo País escolhendo indivíduos para agregar valor genético ao nosso plantel", observa o gerente de pecuária, Victor Paulo, entusiasta da seleção do Nelore no Espírito Santo.

Victor Paulo lembra que o plantel inicial da Fazenda Paraíso era composto por 600 fêmeas, que serviram de base para centenas de cruzamentos com o uso de técnicas modernas, como inseminação artificial, transferência de embriões e até sêmen sexado de macho. "O uso dessas tecnologias para o Grupo Heringer tem funcionado extremamente bem", comenta o gerente,

que ressalta o aumento do plantel de matrizes Nelore PO, já em 4.000 cabeças.

Em 2007, o grupo pretende intensificar a participação nas pistas de julgamento, primeiro no âmbito regional, envolvendo Rio de Janeiro, Bahia e Espírito Santo. Mas os planos são mais ambiciosos: o objetivo é chegar, em alguns anos, entre os melhores do ranking, explica o gerente. "A marca Heringer tem a pretensão de estar entre os melhores e maiores da pecuária nacional", completa.

Para arrumar a casa e acomodar os futuros hóspedes de luxo, a Fazenda Paraíso vem passando por profundas transformações. Uma das prioridades foi a reforma e a adubação dos pastos, já que o sistema de pastejo rotacionado em áreas de sequeiro exige atenção especial, para compensar as perdas elevadas de nutrientes do solo, comenta o zootecnista Humberto Wernersbach, responsável pelos resultados zootécnicos do rebanho.

A Paraíso mantém parceria com a Tortuga, cuja equipe técnica elabora o planejamento nutricional do rebanho de campo e de baía, em conjunto com o time da fazenda, trabalho que tem a supervisão do gerente de vendas da Tortuga, Wyllyan Gaede Mariano da Silva.

Uma particularidade do manejo da fazenda se mostra na cria, que tem sistema de pasto alternado por categoria animal. O resultado aparece na desmama, que, nas águas, mostra ganhos médios de 500 gramas/animal/dia e lotação de até cinco animais por hectare. Com isso, os machos são desmamados aos 220 dias com 7,5 arrobas e as fêmeas, com 7 arrobas. Os lotes incluem animais ½ sangue Red Angus com sêmen sexado de macho (70% do total) e Red Angus com sêmen convencional (30%).

O manejo de alguns lotes está sendo feito, em caráter experimental, com volumoso de cana-de-açúcar. O objetivo é ter uma nova opção de volumoso para os períodos críticos de falta de pasto, além de buscar formas de baratear os custos, sem prejuízos ao rendimento do rebanho. Além disso, na seca o rebanho recebe o suplemento mineral Foschromo Seca, da Tortuga, que proporciona ganho de peso de 300 gramas/animal/dia. **NT**

(ESQ. PARA DIR.) HUMBERTO WERNERSBACH (ZOOTECNISTA DA FAZ. PARAÍSO); VICTOR PAULO (GERENTE DA FAZ. PARAÍSO); LUIZ FERNANDO DE SOUZA AZEVEDO (VITAL REPRESENTAÇÕES); WYLLYAN GAEDE MARIANO DA SILVA (GERENTE TORTUGA-ES)



Estrutura para SELEÇÃO DE CAMPEÕES

Condomínio Brotas investe na mais moderna tecnologia para selecionar animais de pista e produzir tourinhos de alta qualidade.

Com a proposta de apurar a genética do rebanho Nelore PO para atender as necessidades do mercado da pecuária de corte capixaba, o Condomínio Brotas começou, a partir de 2003, a formar seu complexo agropecuário, que reúne seis fazendas e duas centrais de manipulação genética e transferência de embriões no interior do Espírito Santo.

Um dos pilares desse empreendimento é a Fazenda São Geraldo, em Colatina (ES), que teve sua estrutura preparada para funcionar como uma fábrica de produção de tourinhos comerciais e animais de pista, a partir da genética produzida pela Central Brotas e Central Caiado Fraga, integradas ao grupo. “Para o sucesso do projeto, a base genética do plantel sempre foi prioridade. A partir da aquisição de animais em leilões de selecionadores da raça Nelore em São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Paraná, foi montada a base do plantel,

informa a proprietária Rosen Brotas, responsável pelo gado elite do condomínio.

Apaixonada confessa pela criação, Rosen faz questão de acompanhar de perto todas as etapas da seleção. O plantel de matrizes da São Geraldo é formado por 630 fêmeas. Desse total, 20 matrizes compõem o seletor plantel de doadoras, que participa com autoridade das exposições da Associação dos Criadores Capixaba de Nelore (ACCN).

Já o gado de campo da São Geraldo tem alimentação a pasto durante a maior parte do ano, mesmo com a topografia acidentada da região. Para compensar essa deficiência, a propriedade investe pesado no tratamento do solo, feito com adubações, além do cultivo de espécies forrageiras que suportam altas lotações e o pisoteio do gado, assinala Wyllyan Gede Mariano da Silva, gerente de vendas da Tortuga no Espírito Santo, que também coordena o planejamento nutricional do rebanho da Fazenda São Geraldo.

O trabalho conta com o acompanhamento técnico do engenheiro agrônomo Welton Bomfim de Azevedo, da empresa representante de vendas da Tortuga, em Colatina e região. Ele chama a atenção para a suplementação do rebanho do Condomínio Brotas, feita com produtos do Programa Boi Verde, tanto no período das águas como na seca. Somente o gado de cocheira recebe trato diferenciado, formulado com exclusividade para a fazenda, que usa núcleos do Programa Boi Verde, mais Boviprima e Novo Bovigold Plus, destaca Bomfim. “A finalidade dessa dieta é maximizar o desempenho das fêmeas com menor custo”, explica.

O reconhecimento ao trabalho do Condomínio Brotas é unânime entre os criadores de gado de corte da região. De acordo com Rosen Brotas, muitos projetos têm a São Geraldo como referência na hora de comprar reprodutores para reposição. Em período de estação de monta, a procura é tanta que se descuidarmos não sobra nenhum touro na fazenda, brinca a criadora, que mostra os números do ano passado, quando a propriedade vendeu 80 touros em poucos meses.

Os cuidados na produção de touros justificam essa preferência dos criadores de Colatina e região. Antes mesmo da desmama, os bezerros são periodicamente pesados, trabalho que conta com a orientação do chefe do escritório regional da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), Lauro Fraga, que acompanha de perto a pesagem e classificação dos animais, sempre buscando animais precoces nas partes produtiva e reprodutiva. Outro nome de peso envolvido no projeto de seleção da família Brotas é conhecido das pistas de Nelore em todo o Brasil. Irineu Gonçalves Filho é jurado de renome e consultor de melhoramento genético para o gado PO do grupo.

A fazenda também participa da prova de ganho de peso da Fazenda Paraíso, do grupo Heringer, tendo reprodutores classificados como elite nas duas últimas avaliações. “Toda essa preocupação objetiva garantir a venda de reprodutores que realmente possam agregar qualidade aos plantéis”, finaliza Rosen Brotas. **NT**



ROSEN BROTTAS (CONDOMÍNIO BROTTAS)
ENTRE MATRIZES NELORE DA FAZ. SÃO GERALDO

Quem não conhece o TIO APRÍGIO?

Uma longa história e incontáveis conquistas fazem das Fazendas Consorciadas, de Aprígio Lopes Xavier, um marco indiscutível do Nelore no Rio de Janeiro.

Trinta e cinco anos de seleção e a vitalidade de iniciante para tocar o plantel de gado Nelore PO. Assim pode ser definida a história do pecuarista Aprígio Lopes Xavier ou, como é chamado entre amigos e parentes mais próximos, Tio Aprígio, proprietário das Fazendas Consorciadas FC, verdadeira lenda viva da pecuária brasileira e, particularmente, do Nelore no Rio de Janeiro.

Adepto da vida simples e do ambiente pastoril, Aprígio desde cedo mostrou interesse particular pela criação, na época que ainda ajudava o pai no comércio da família e ficava encantado com os cavaleiros dos fregueses que paravam à porta da venda. Ainda jovem e formado em ciências agrárias, adquiriu sua primeira fazenda e começou o trabalho com gado de pelagem branca. Não demoraria muito e a marca ALX transcenderia as barreiras do Rio de Janeiro, dando projeção nacional para esse pacato, porém intrépido, criador, que até hoje diz ter no Nelore sua maior razão de viver.

São inúmeros títulos conquistados ao longo de todos esses anos, incluindo nas mais importantes pistas de julgamento da raça Nelore no Brasil. Isso sem falar do reconhecimento pelos muitos serviços prestados, que podem ser medidos na confiança depositada pelas mais importantes entidades representativas das raças zebuínas (ACNB e ABCZ), das quais é membro permanente do conselho diretor há mais de uma década. Na sua terra natal, é um dos fundadores da Associação Nelore Rio e personalidade indiscutível.

O foco dos trabalhos das Fazendas Consorciadas está no melhoramento genético de animais Nelore, com a dupla finalidade de preparar rebanho para pista e produzir tourinhos comerciais para venda na região. O direcionamento segue as orientações da ACNB quanto a caracterização racial e precocidades de ganho de peso e reprodutiva, explica Carlos Alberto Lopes Pereira, gerente da fazenda, que fala do quanto o melhoramento foi e é beneficiado pelas tecnologias de

manipulação genética. Hoje, a maior parte dos nascimentos é feita por Fertilização *in vitro* (FIV), totalizando mais de 350 nascimentos/ano.

A seleção genética encaminha os melhores indivíduos para a cocheira. A maior parte do rebanho, cerca de 90% de machos e fêmeas, é criado em regime de pasto com suplementação mineral (boi verde). Com esses animais, a fazenda começou, no final do ano passado, um experimento que visa intensificar a recria, introduzindo o suplemento mineral Foschrom na dieta, logo após a desmama. “A propriedade já trabalhava com o Fosbovi 20 para animais de recria, que mostrava bons resultados. Porém, a tecnologia do cromo orgânico melhorou em cerca de 20% o ganho de peso dos lotes testados”, explica Maurício Lara dos Santos, supervisor de vendas da Tortuga no Rio de Janeiro.

O ganho de peso diário dos garrotes na fase final do teste atingiu 1kg, em lotação de 2,4 UA/ha, informa Carlos Alberto Pereira, que faz questão de destacar que as pastagens são de capim nativo de região de várzea. “Os bezerros entraram no experimento em abril de 2006, com peso médio de 272,4 kg, aos dez meses de vida. No final da prova, que durou pouco mais de 11 meses, nova pesagem indicou 474 kg (15,28 arrobas) de peso vivo, em média”, assinala o administrador. A diferença mais visível é a redução do tempo de terminação dos touros, de 2,5 para 2 anos. Além do pasto, os animais ficaram 90 dias em confinamento com dietas ricas em energia.

Outra vantagem pode ser notada nos exames andrológicos, positivos em 100% dos touros. No total, a fazenda produz 150 machos/ano, que são vendidos em leilões e também na propriedade. A produção de fêmeas é um pouco menor, cerca de 70 animais por ano. Trata-se de um número considerado bom por Carlos Alberto Pereira, que informa que a procura por matrizes é menor.

Na outra ponta, os resultados também aparecem. A seleção para pista já proporcionou alguns expoentes do Nelore, caso da matriz Jóia ALX, que ao longo de sua vida reprodutiva já deu ao criatório de Aprígio Lopes Xavier mais de 700 produtos. **NT**



MAURÍCIO LARA DOS SANTOS (SUPERVISOR TORTUGA) COM CARLOS ALBERTO LOPES PEREIRA (GERENTE FAZ. CONSORCIADAS FC) E JOÃO PAULO FIGUEIREDO (INDUSTRIAL REP.COM)

ALIMENTAÇÃO DE QUALIDADE COMEÇA COM A TORTUGA.

ide2



Suplementação mineral orgânica: alimentos mais saudáveis.

Há mais de 50 anos a Tortuga vem desenvolvendo produtos que melhoram as condições dos rebanhos e, por isso, geram alimentos mais saudáveis. A Tortuga possui rigorosos processos de seleção de matérias-primas e detém tecnologia de ponta em minerais orgânicos. Mais saúde para os animais, mais segurança alimentar para a família brasileira.

Veja o resultado. Use Tortuga.



NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL

Ligue: 0800 011 62 62
www.tortuga.com.br